

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE - UNIVALE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Cibele Maria Diniz Figueirêdo Gazzinelli

**DISCURSOS SOBRE A IMIGRAÇÃO: RELATOS DE DESCENDENTES ALEMÃES
NO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI**

Governador Valadares
2014

CIBELE MARIA DINIZ FIGUEIRÊDO GAZZINELLI

**DISCURSOS SOBRE A IMIGRAÇÃO: RELATOS DE DESCENDENTES ALEMÃES
NO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito para obtenção do título de mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Nádia Dolores Biavatti

Co-orientador: Dra. Sueli Siqueira.

Governador Valadares

2014

Gazzinelli, Cibele Maria Diniz Figueirêdo.

Discursos sobre a imigração: relatos de descendentes alemães na cidade de Teófilo Otoni. / Cibele Maria Diniz Figueirêdo Gazzinelli. – Governador Valadares : Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, 2014.

98 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território, Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, Governador Valadares, 2014.

Orientadora: Nádia Dolores Fernandes Biavati

Co-orientador: Dra. Sueli Siqueira

1. Imigração - Brasil. 2. Imigração Alemã – Teófilo Otoni. 3. Imigrantes Alemães – Construção de Identidade. 4. Imigrantes Alemães – Análise do Discurso. I. Gazzinelli, Cibele Maria Diniz Figueirêdo. II. Universidade Vale do Rio Doce. III. Título

CDU 81'42:314.742 (81:430)

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT

**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
CIBELE MARIA DINIZ FIGUEIREDO GAZZINELLI**

Matrícula Nº 65760

Aos cinco dias do mês de setembro de 2014 (dois mil e quatorze), às 15h00 (quinze horas), na sala 08 do Bloco PVA da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada "DISCURSOS SOBRE A IMIGRAÇÃO: RELATOS DE DESCENDENTES ALEMÃES NO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI", Linha de Pesquisa: Território, Migração e Cultura, elaborada pela aluna **Cibele Maria Diniz Figueiredo Gazzinelli**. A comissão julgadora foi composta pelos professores Doutores, Nádía Dolores Fernandes Biavati (orientadora) - UFSJ, Mauro Augusto dos Santos - UNIVALE, Fernanda de Castro Batista Coelho - UESB. Abrindo a sessão, a presidente da Comissão, Prof.^a Dr.^a Nádía Dolores Fernandes Biavati após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a mestrande Cibele Maria Diniz Figueiredo Gazzinelli para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestrande e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação *aprovada* fazendo as seguintes observações:

Destaca-se a relevância do trabalho e recomenda-se que sejam geradas produções sobre o tratamento da temática.

Em seguida o resultado foi comunicado publicamente a candidata pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata que será assinada por todos os membros da comissão Examinadora. Governador Valadares, 05 de setembro de 2014.

Prof.ª Dr.ª Nádía Dolores Fernandes Biavati

Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos

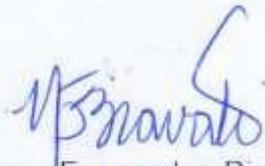
Fernanda de Castro B. Coelho
Prof.ª Dr.ª Fernanda de Castro Batista Coelho

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais – NEHT/Univale
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

CIBELE MARIA DINIZ FIGUEIRÊDO GAZZINELLI

**"DISCURSOS SOBRE A IMIGRAÇÃO: RELATOS DE DESCENDENTES
ALEMÃES NO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI"**

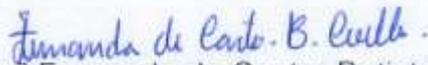
Dissertação aprovada em 05 de
setembro de 2014, pela banca
examinadora com a seguinte
composição.



Prof.^a Dr.^a Nádya Dolores Fernandes Biavati - Orientadora
Universidade Federal São João Del Rei



Prof. Dr. Mauro Augusto dos Santos
Universidade Vale do Rio Doce



Prof.^a Dr.^a Fernanda de Castro Batista Coelho
Universidade Estadual Sudoeste da Bahia

Dedicatória: Dedico este mestrado a minha irmã Yara Figueirêdo, pela presença em minha vida! A você dedico esta vitória! Afinal, você me encorajou e contribuiu, em todos os sentidos, para que este sonho fosse realizado. Te amo!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as graças alcançadas desde o início de minha existência;

Aos meus pais, pelo exemplo de determinação e coragem;

Ao meu esposo, pelo amor, paciência e carinho que me fortalecem sempre;

Aos meus filhos, pela ausência compreendida e força para alcançar meu objetivo;

Aos meus irmãos, irmãs e familiares, pelo incentivo;

A minha orientadora, Nádya Biavatti, a quem devo um agradecimento especial não só pelas orientações e sugestões que foram fundamentais à consecução desta dissertação, mas também por favorecer a continuidade do meu projeto de pesquisa. Obrigada Nádya, pelo seu envolvimento profissional que vai muito além dos limites institucionais.

Aos professores do mestrado, pela amizade e estímulo ao estudo e à pesquisa;

Aos sujeitos da minha pesquisa, e de modo especial, a D. Dalva Keim, pela contribuição, apoio e acolhimento;

A Sandra Nicoli, Letícia Bastos e Thiago Santos... vocês foram e são muito, mas muito mais do que colegas de mestrado!

A toda minha turma do mestrado! Foi bom demais o nosso tempo... saudades sempre!

RESUMO

O objetivo desta dissertação é a identificação de traços identitários pós (re)territorialização relativos às crenças, à cultura, valores e práticas representados discursivamente no relato de descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni/MG. A pesquisa de abordagem qualitativa e etnográfica privilegiou o estudo de caso, tendo como sujeitos dez descendentes de imigrantes de alemães que vivenciaram, ainda que na infância, o período da segunda Grande Guerra (1939-1944). O diálogo entre os Estudos Linguísticos e as Ciências Sociais é estabelecido no percurso do trabalho, constituindo-se como importante procedimento teórico-metodológico, na medida em que os modos como são construídos os discursos, enquanto prática social historicamente situada, integra os dizeres aos seus contextos sócio-históricos. Por considerar que a linguagem utilizada pelas pessoas em determinado contexto cultural e social revela as identidades e ainda, que os diferentes discursos podem representar o mesmo aspecto do mundo de formas diferentes, os significados identificacional e representacional (FAIRCLOUGH, 2003) foram as categorias da Análise do Discurso Crítica utilizadas na investigação dos relatos. Como traços identitários representados pelos descendentes, observa-se a organização e a disciplina retratados na relação com o trabalho, a religião/igreja e família como práticas envolvendo identidades constitutivos dos/ nos discursos do grupo de informantes como atributos dos alemães que permanecem como valores para os seus descendentes. A Festa da Colheita, ligada a Igreja Luterana, é o evento mais representativo da cultura alemã que acontece todos anos na cidade. Nos relatos emergem marcas de uma (re)afirmação da descendência que contrasta, ao mesmo tempo, com práticas típicas dos brasileiros, deixando, desse modo, evidências de uma (re)invenção no processo de reterritorialização no território de TO. A auto identificação do grupo e todos os traços investigados apontam para o hibridismo identitário, mostrando que as identidades representadas não são somente 'brasileiras' ou somente 'alemãs', mas guardam traços brasileiros-alemães.

Palavras-chave: Discurso(s), Identidade, imigração

ABSTRACT

This thesis aims to identify post (re) territorialization identity features concerning beliefs, culture, values and practices discursively represented in the account of the descendants of German immigrants in Teófilo Otoni / MG. This qualitative and ethnographic approach focused on a case study, having as subjects 10 descendants of German immigrants who lived, during their childhood, the period of the Second World War (1939-1944). The dialogue between Linguistics and Social Sciences is established in the course of this work, establishing itself as an important theoretical-methodological approach. Discourse is constructed as a social practice historically situated, and it incorporates its utterances to its socio-historical contexts. Considering that the language used by people in a given social and cultural context reveals their identities, and different discourses may represent the same aspect of the world in different ways, the aspects of identification and representation (Fairclough, 2003) were the categories of Critical Discourse analysis used in the report investigation. The descendants showed as German identity traces the organization and discipline depicted in relation to work, religion / church and family; these are practices concerning the constituent identities seen in their discourses as characteristics which are recognized as German attributes that remain as values for their descendants. The Harvest Festival, connected to the Lutheran Church, is the most representative event of German culture that happens every year in the city. In the reports traces of (re) affirmation of these descendants emerge, and at the same time they are contrasted with the typical practices of Brazilians, thus leaving evidence of a (re) invention in the process of (re)territorialization in the territory of Teófilo Otoni. The self-identification of the group and all the investigated traits point to processes of identity hybridity showing that the impersonated identities are not only 'Brazilian' or only 'German', but they have German-Brazilian traces.

Keywords: Discourse (s), Identity, Immigration

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TRAMAS CONCEITUAIS: REFLETINDO SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM RELATOS DE DESCENDENTES	18
2.1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS	18
2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	25
2.3 IDENTIDADE E DISCURSO E(M) PRÁTICAS SOCIAIS.....	29
3 IMIGRAÇÃO NO BRASIL – SÉCULO XIX E XX	32
3.1 O CONTEXTO MOTIVADOR DA IMIGRAÇÃO AO BRASIL – SÉCULO XIX E XX....	32
3.2 CONSTRUINDO ALGUMAS MARCAS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: DA EUROPA PARA MINAS, VALE DO MUCURI – UMA VERSÃO OFICIAL.....	38
4 A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO IMIGRANTE E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES	48
4.1 DA IMIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO À RETERRITORIALIZAÇÃO.....	48
4.2 FRAGMENTOS DAS TERRITORIALIDADES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI.....	50
5 A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA	60
5.1 DISCURSO E PRÁTICA SOCIAL.....	60
5.2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	66
5.3 RELATOS DO APREENDIDO E DO VIVIDO: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DOS/NOS RELATOS DE MEMÓRIA.....	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização Geográfica de Teófilo Otoni.....	12
Figura 2 – Festa da Colheita.....	15
Figura 3 – Altar da Igreja Luterana – Festa da Colheita.....	15
Figura 4 – Praça Germânica – Teófilo Otoni.....	23
Figura 5 – Marcas Locais da Imigração Alemã.....	24
Figura 6 – Perfil dos Informantes.....	69
Figura 7 – Comunidade da Lajinha – Floricultura.....	77
Figura 8 – Comunidade do Cedro Horticultura.....	77
Figura 9 – Torta Alemã.....	84
Figura 10 – Torta Alemã.....	84
Figura 11 – Stollen – Pão Alemão.....	85
Figura 12 – Barraca do Brogodó.....	86

1 INTRODUÇÃO

O município de Teófilo Otoni ocupa uma área de 3 242,818 km², sendo que 19,62 km² estão em perímetro urbano. Sua população, em 2013, foi estimada em 140 067 habitantes¹. Localizado no Vale do Mucuri, Nordeste de Minas Gerais, a cidade é considerada polo da região, estando situados ao leste, Ataleia, Carlos Chagas, Nanuque e Serra dos Aimorés; ao norte, Águas Formosas, Bertópolis, Crisólita, Fronteira dos Vales, Machacalis, Novo Oriente de Minas, Pavão, Santa Helena e Umburatiba; ao noroeste, Carai, Catuji, Itaipé e Ladainha; ao oeste, Franciscópolis, Malacacheta, Poté e Setubinha; e ao sul, Campanário, Frei Gaspar, Itambacuri, Ouro Verde de Minas, Pescador e Teófilo Otoni, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011)².



Fig1. Localização geográfica de Teófilo Otoni

Fonte: <http://teofilootoni.blogspot.com.br/>

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Estimativas da população residente nos municípios brasileiros, 1º de julho de 2013. disponível em <http://www.ibge.gov.br/>, acesso em 30 de agosto de 2014.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em <http://www.ibge.gov.br/>, acesso em 23 nov 2011.

A cidade, fundada em 7 de setembro de 1853, teve como primeiro nome, Nova Philadélfia, mais tarde recebe o nome Teófilo Otoni em homenagem ao seu idealizador e fundador, Teófilo Benedito Otoni.

De fato, pode-se notar que todo processo de povoamento da região do Vale do Mucuri, bem como a formação do território de Teófilo Otoni tem como referência os feitos históricos de Otoni e a Companhia do Mucuri.

Keim (2012, p.37) cita que “em 1846 a Previdência da Província de Minas Gerais lança edital público para que interessados instalassem colônias nos territórios às margens do Mucuri”. Timmers(1969, p.12) acrescenta que na ocasião, Teófilo Benedito e o seu irmão Honório Otoni apresentaram um projeto “*Condições para a incorporação de uma companhia de comércio e Navegação do Rio Mucuri*”, sendo aprovado em 1847, data da fundação da Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri.

O primeiro trabalho a ser empreendido pela Companhia foi a desobstrução do rio Mucuri, já que o mesmo não era navegável em toda a sua extensão e o objetivo da companhia era o comércio por via fluvial, assim, era preciso construir estradas ligando Santa Clara (atual município de Nanuque) ao ponto estratégico para as suas operações, local onde hoje é a cidade de Teófilo Otoni.

Para tanto, em 1853, buscou-se estabelecer núcleos coloniais com imigrantes europeus, especialmente germânicos, o que fez com que Teófilo Benedito Otoni firmasse contrato com a Firma Schlobach e Morgenstern de Leipzig para vinda de dois mil agricultores alemães (ROTHER,1956, p.8).

Chegaram nos anos de 1856, 1857 e 1868 levas organizadas de imigrantes, que tendo deixado sua terra de origem, vieram participar de um empreendimento colonizador na região do Mucuri. O maior grupo era constituído por alemães, até porque já se projetava no Brasil o prestígio do imigrante germânico, considerado por autoridades, como o marquês de Abrantes, como o imigrante dotado das qualidades ideais para colonizar o Brasil, uma vez que eram mais tolerantes para com a ordem estabelecida (WEYRAUCH,1997).

Não são poucas referências a esse período marcado por muitas dificuldades e decepções. Segundo a Fundação João Pinheiro (1993, p.58), “*a associação fizera propaganda enganosa, com promessas irrealizáveis e recrutara alemães não qualificados e, mesmo, pessoas desqualificadas, para quais o Brasil foi imposto como um desterro*”. Dessa forma, alguns colonos que se dirigiram a área rural jamais

havia pegado uma enxada ou machado antes. Sentindo-se enganados, revoltaram-se.

Keim (2012) afirma que ao virem para o Brasil fugindo dos problemas socioeconômicos da Alemanha, os pioneiros que aqui chegaram foram tomados de decepção. Segundo a historiadora,

(...) em terra estranha, à beira da mata virgem (...) andavam com os olhos grudados no chão para não pisarem numa serpente. Dos seus abrigos, ouviam bem de perto o miado de onças famintas rondando(...) (KEIM, 2012, p.108)

A autora ainda acrescenta que para a surpresa de todos que aqui chegaram, os dirigentes locais informaram que só depois de terminada a abertura da estrada de Philadélfia a Santa Clara estariam livres para trabalharem como quisessem nas terras que seriam adquiridas da Companhia. (KEIM, 2012, p.109).

Weyrauch (1997, p.115), afirma que quase como os negros, trazidos como escravos, os colonos da região do Vale do Mucuri “vivenciaram uma experiência limite, onde o simples fato de estar vivo era já por si só um acontecimento”.

Se por um lado os desafios, as decepções, os sofrimentos desse período ficaram registrados como um momento muito difícil de adaptação desses imigrantes, por outro, marcaram as formas de territorialização com as quais todos os imigrantes se identificavam, bem como os recursos que lhes possibilitaram “se segurar” em solo estranho com adversidades que lhes impuseram readaptações e descobertas. Nesse processo, houve a ‘germanização’ no Vale do Mucuri, embora, nem todos que para cá vieram fossem de origem germânica. Para Bonnemaïson,

o conceito de etnia pode ser concebido como o campo de existência e de cultura, vivido de modo coletivo por um determinado número de indivíduos”, de outro modo, o autor acrescenta que não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou outra, não tenha se investido física e culturalmente num território (BONNEMAISON 2002, p.96).

Entretanto, sobre a chegada dos imigrantes alemães em Teófilo Otoni pode-se perceber uma associação direta com a história da cidade, que por sua vez está associada às questões políticas de Teófilo Benedito Otoni. Poucos são os estudos acerca dos aspectos políticos, sociais e culturais que envolvem a imigração alemã em Teófilo Otoni, talvez seja por isso a sua pouca visibilidade no cenário nacional. Mesmo entre os moradores da cidade, muitos acreditam que não existe mais “aquela

tradição” como era antes e que muitas acabaram com o tempo, permanecendo somente a Festa da Colheita³ na Igreja Luterana.



Fig 2. Festa da Colheita
Fonte: Arquivo da Igreja Luterana de Teófilo Otoni



Fig. 3. Altar da Igreja Luterana, na realização da Festa da Colheita.
Fonte: Arquivo da Igreja Luterana de Teófilo Otoni

No entanto, os descendentes nascidos no Brasil são identificados na cidade como ‘alemães’ e percebem-se alguns impactos culturais e econômicos dessa imigração na região.

³ Festa da Igreja Luterana, realizada nos últimos domingos do mês de agosto, aberta a toda comunidade teofilotonense. “(...) pessoas são alimentadas, a preços módicos, graças ao Mutirão, aprendido pelos membros da igreja, desde criança (...) no altar são colocados frutos do trabalho dos membros como forma de agradecimento a Deus pela colheita, ou mesmo outros dons (...)” (KEIM, 2012, p.318)

A partir do exposto, percebi a necessidade desta pesquisa, que traz como temática central as representações sobre a imigração alemã em Teófilo Otoni/MG, segundo relatos de descendentes, buscando então responder à seguinte questão: Em Teófilo Otoni, quais são os traços identitários referentes às crenças, aos valores e à cultura alemã? Como se apresentam e se representam essas marcas discursivamente em relatos de descendentes?

Assim, o presente trabalho segue a linha de pesquisa intitulada “*Território, migrações e cultura*”, com a temática “A Imigração Alemã em Teófilo Otoni - MG”. Nele, enfoca-se o território, a migração, identidade, memória e as práticas culturais através da análise discursiva de relatos de descendentes. Apresenta análise de relatos orais de dez entrevistados sobre o processo da vinda, adaptação e remanescências pelo olhar desses descendentes, sendo cinco em profundidade sobre o processo. De modo mais específico, a pesquisa visa à identificação de traços identitários relativos às crenças, à cultura e aos valores representados discursivamente no relato de descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni.

Dessa forma, o processo de colonização em Teófilo Otoni envolve necessariamente a remissão ao universo cultural dos seus imigrantes, bem como a organização social da comunidade e as territorialidades construídas, reconstruídas e reorganizadas em todo processo histórico. Analisar discursivamente os relatos demanda também a remissão a todo contexto sócio-histórico na medida em que a linguagem enquanto prática social representa um momento social no qual outros se imbricam trazendo (re) significações.

A abordagem do tema em estudo justifica a sua relevância acadêmica, uma vez que possibilita uma visão interdisciplinar dos diversos aspectos que envolvem o território e a construção de territorialidades. Considera-se ainda que a perspectiva de estudos integrada das diversas nuances que envolvem o território possibilita compreender novas possibilidades de análises das relações estabelecidas pelos diferentes enunciadorees, pelos diferentes lugares sociais ocupados por quem relata, pelas diferentes “memórias individuais” que assumem diferentes pontos de vista sobre a memória coletiva, e por fim, pela percepção daquilo que deve ou não ser lembrado sobre a chegada, a decepção, os desafios, as dificuldades, as diferenças e suas implicações no processo de reterritorialização dos imigrantes alemães em Teófilo Otoni/MG. Assim, colabora também com os estudos da formação do

município de Teófilo Otoni, tendo em vista a contribuição dos imigrantes germânicos na sua formação.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, são apresentados os conceitos que dialogam no trabalho como um todo e sustentam a visão interdisciplinar desta pesquisa.

Compreendendo que para o desenvolvimento da análise discursiva dos relatos é necessária a abordagem do contexto em que a prática social se insere, o segundo capítulo traz o contexto motivador da imigração alemã para o Brasil nos séculos XIX e XX, apresentando os fatores que motivaram a chegada dos imigrantes alemães ao Vale do Mucuri, e de modo especial, a Teófilo Otoni/MG, bem como os fatores de expulsão que motivaram a saída da Europa.

O terceiro capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, relacionam-se os conceitos de desterritorialização e reterritorialização à imigração, discutindo-se as relações de poder envolvidas nesse processo. Na segunda parte, apresentam-se as territorialidades construídas e (re)construídas no processo de formação da cidade de Teófilo Otoni a partir da perspectiva da participação dos imigrantes alemães, de outro modo, a partir das relações sociais e culturais vividas, percebidas e compreendidas enquanto práticas sociodiscursivas.

Considerando que a pesquisa tem como objeto de estudo os relatos de descendentes de imigrantes, após a apresentação dos conceitos e do contexto no qual os discursos se (re)constituem, o quarto capítulo se inicia com a abordagem teórica da ADC (Análise de Discurso Crítica), aqui tomada como aporte teórico metodológico para a compreensão dos dizeres circulantes no grupo de descendentes, que tematiza suas vivências e origens nesse território. Na segunda parte do capítulo, apresenta-se o percurso metodológico e as categorias de análise que são utilizadas e por fim, a análise dos relatos dos descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni, quando os traços identitários são identificados. Após a análise, apresentam-se as considerações finais, apontando os resultados alcançados no presente estudo.

2 TRAMAS CONCEITUAIS: REFLETINDO SOBRE A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM RELATOS DE DESCENDENTES

Questões de migração têm sido recorrentemente focadas a partir de áreas como a sociologia, a geografia, a antropologia, entre outras. A análise desse fenômeno sob a lupa dos estudos discursivos destaca o uso da linguagem como forma de prática social⁴, e assim sendo, o discurso, ou o uso da linguagem, não pode ser visto como uma atividade individual ou apenas como reflexo de variáveis situacionais, uma vez que a linguagem se constitui por sujeitos e por relações sociais (FAIRGLOUGH, 2008). Sob essa perspectiva, os estudos linguísticos estabelecem um rico diálogo entre diferentes áreas de conhecimento, já que a linguagem ocupa importante lugar no estabelecimento das representações e das identidades sociais.

Este capítulo cumpre o objetivo de trazer conceitos que sustentam a visão interdisciplinar adotada no presente trabalho e seu papel na identificação dos traços identitários representados em relatos de descendentes alemães em Teófilo Otoni/MG.

2.1 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES: ALGUNS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

O conceito de território nas Ciências Sociais é fundamental para compreender o processo de imigração constituído a partir da experiência do vir relatado por descendentes. Essa experiência é associada a uma dimensão de apropriação e/ou sentimento de pertencimento, seja esta apropriação no sentido de controle efetivo por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço, seja na apropriação mais efetiva de uma identidade territorial (Haesbaert, 2004a).

⁴ Fairclough (2001, p.91) ao usar o termo "discurso" considera o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Para o autor isso apresenta implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (...).

Para o geógrafo Haesbaert (2004), o território pode ser compreendido em suas várias formas e dimensões, ou seja, em uma dimensão material-concreta – política e econômica – e uma dimensão subjetiva e/ou simbólica. Nesse sentido, o território envolve:

...sempre e ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle ‘simbólico’ sobre o espaço onde vivem e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p.42)

Na abordagem desse conceito fica explícito o caráter duplo do território que se constitui de elementos simbólicos e concretos. Haesbaert (1997) considera as definições de “espaço dominado” e “espaço apropriado” de Lefebvre, para o qual “através das práticas sociais e das técnicas, o espaço natural se transforma e é dominado”.

Haesbaert (2007) citando Lefebvre (1986) explica que quando ocorre a “dominação do espaço natural” para servir às necessidades de um grupo, este se apropria dele. Dessa forma, percebe-se a perspectiva integradora defendida por Haesbaert na qual o território responde “pelo conjunto de nossas experiências ou, em outras palavras, relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço” (HAESBAERT, 2005, p.6775).

Segundo Raffestin (1993) , o espaço é preexistente a qualquer ação humana. É no espaço que se projetam as intenções, daí poder afirmar que o espaço só existe em função dos objetivos intencionais do ator. O autor exemplifica seu pensamento dizendo que o espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens controem para si. Sendo assim, espaço sem territorialização é somente espaço, “um vazio de ação e interação humana” (RAFFESTIN, 1993, p.144). O território se forma a partir do espaço e ao se apropriar de um espaço, seja concreta ou abstratamente, o homem territorializa o espaço.

Haesbaert e Limonad (2007) descrevem que a noção mais ampla de espaço compreende este como um espaço relacional, ou seja, definido pelas relações sociais. E destacam ainda que a territorialidade pode ser entendida como a estratégia geográfica para controlar/atingir a dinâmica de pessoas, fenômenos e relações.

Corroborando com essa ideia Espíndola (2012, p. 165) destaca:

[...] O espaço não é um fixo, mas sim o resultado relacional de propriedades gerais [...] No espaço, os corpos se movimentam ou são fixos, criando obstáculos ao movimento de outros corpos ou contribuindo para que os fluxos se estabeleçam. Assim, o espaço é um campo onde eventos ocorrem e se sucedem, porém não como um palco, um dado anterior da realidade, mas ele próprio resulta da espacialidade determinada pelos processos sociais.

Para Espíndola (2012, p. 167) “*as ações humanas operam no espaço, configurando-o, organizando-o e diferenciando-o, dando-lhe identidade particular e, dessa forma, produzindo os lugares e a diversidade de paisagem*”. Realça ainda que o espaço se torna território quando se fazem presentes as relações de poder entre atores, configurando-o como espaço no qual prepondera determinada regulação e coesão social.

Seguindo orientações da Geografia Cultural, Saquet (2010) afirma que o conceito de território é complexo, já que enfatiza tanto os aspectos econômicos e políticos, como os culturais. O autor, mesmo salientando a importância da interligação entre as várias vertentes considera também a vertente da natureza, que sempre estará presente dentro do território. A natureza está no território, é dele indissociável.

Em Saquet (2006), deparamos com o seguinte argumento:

Território é natureza e sociedade: não há separação: é economia, política e cultura; edificação e relações sociais; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental, etc. Em outras palavras, o território significa heterogeneidade e *traços comuns*, apropriação e dominação historicamente condicionadas; é produto e condição histórica e trans-escalar; com múltiplas variáveis, determinações, relações e unidade. É espaço de moradia, de produção de serviços, de mobilidade, de desorganização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). O território é processual e relacional, (i)material, com diversidade e unidade, concomitantemente (SAQUET, 2006, p.83).

Deste modo, no território as relações sociais se materializam e se reconstituem, em movimentos desiguais, contraditórios e conflituosos. A identidade é um componente fundamental na constituição do território, resulta da combinação dos processos histórico e relacional. Sendo assim para o autor os territórios e as territorialidades

[...] são vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações. Homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i)materialidade (SAQUET, 2010, p.25).

Raffestin (1993) e Haesbaert (2007) apresentam sobre o território articulações teóricas que elucidam o processo imigratório que no presente trabalho representa o contexto no qual os discursos de descendentes alemães estão inseridos.

Haesbaert (2007) destaca que a migração é o resultado de uma multiplicidade de fatores – econômicos, políticos, ambientais, culturais. Considera que a migração é uma forma que o indivíduo utiliza para buscar estabilidade e que, por essa razão, não pode ser percebida apenas como um processo de desterritorialização. Afirma que a

[...] migração pode ser vista como um processo em diversos níveis de desterritorialização. [...] Assim como os processos de desterritorialização podem ser multidimensionalmente caracterizados, o mesmo ocorre com as migrações, com a importante constatação de que também se trata de processos internamente diferenciados [...] há migrações ditas “econômicas” vinculadas à mobilidade pelo trabalho, migrações provocadas por questões políticas e outras por questões culturais ou ainda “ambientais” (HAESBAERT, 2007, p. 245 - 246).

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Assim, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente para a consolidação do conceito de território. Sendo assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais.

Apesar de reconhecer a importância da abordagem de território visto como um espaço delimitado e controlado pelas relações de poder no processo de formação do Teófilo Otoni, bem como compreender a necessidade de se abordar o território em sua multidimensionalidade, neste trabalho prioriza-se a vertente simbólico-cultural na qual o território é visto, sobretudo, *como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido* (Haesbaert, 2007). Tal recorte se deve ao fato de que a questão central do trabalho seja a análise das representações discursivas relativas às crenças, valores e cultura, construídas nos relatos dos descendentes, havendo, portanto, um estreito vínculo

entre a construção de identidades, os discursos e as condições de existência, a cultura e as relações sociais. Nessa direção, os sentimentos de pertencimento, de identidade, os espaços de representação, entre outros elementos, interagidos com as demais dimensões do território, efetivam formas particulares de apropriação e de produção do espaço, via territorialidade/territorializações.

Como afirma Raffestin (1988) apud Morais (2008), o território é o resultado das várias territorializações que operam sobre ele e a territorialidade é um “conjunto de relações mantidas pelo homem, enquanto pertencentes a uma sociedade”. Assim sendo, a territorialidade humana não é constituída apenas por relações com territórios concretos, mas também por relações abstratas como línguas, religiões, tecnologias e etc. (RAFFESTIN, 1988, p. 265 apud MORAIS, 2008, p. 33).

Para Bonnemaïson (2002), não existe nenhum indivíduo ou grupo que escape ao princípio da territorialização. O autor privilegia o campo cultural na construção do território e defende que não poderia haver grupos coerentes, nem de etnia e, talvez, nem mesmo de cultura, sem um *território portador*. Assim dizendo, Bonnemaïson (2002, p. 91) afirma que “há uma correspondência entre os homens e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem, que está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural”.

Bossé (2004) ressalta que historicamente os geógrafos centravam atenção na “identidade dos lugares” e pelos papéis que estes desempenham na “formação de consciências individuais e coletivas” (BOSSÉ, 2004, p. 158). Segundo o autor, com o avanço da geografia humanista, o lugar passa a ser considerado suporte da identidade cultural, pois “influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente, como objetivamente, identidades culturais e sociais (BOSSÉ, 2004, p. 166).

Para Haesbaert,

... a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta (1999, p.172)

Assim sendo, a identidade territorial é construída valendo-se do reconhecimento de uma origem comum ou de características partilhadas com outros grupos ou pessoas, de outro modo, as identidades territoriais surgem a partir de um processo de apropriação do homem pelo espaço, onde o mesmo estabelece uma relação de identificação a partir das territorializações.

O processo de imigração, portanto, marcou territorializações significativas na construção de Teófilo Otoni, mesmo porque a condição migratória é uma das marcas locais, trazendo traços característicos às identidades na cidade, às práticas e aos valores locais.



Fig. 4 Praça Germânica – Teófilo Otoni
Fonte: Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni

Dessa forma, não é difícil perceber as marcas da cultura alemã como práticas na cidade de Teófilo Otoni, quer por alguns pratos incorporados à culinária local, quer pelas lembranças e casos que perpassam gerações.

Nessa direção, o reconhecimento de fatos, personagens e lugares parece materializar formas de expressão das territorialidades construídas e reconstruídas na cidade. Ao mesmo tempo, reconstituem-se como reterritorializações, como formas de reinvenções desse povo na construção de si no espaço.



Fig. 5: Marcas locais da imigração alemã
Fonte: Foto da pesquisadora

Assim sendo, os discursos sobre migração, em muito, recuperam a noção de memória, na medida em que é no contexto das relações sociais que construímos nossas lembranças nos territórios. As práticas discursivas possibilitam o estabelecimento de relações entre representações e identidades sociais, podendo essas ser parte integrante e, ao mesmo tempo construtora, mantenedora e transformadora das várias práticas sociais presentes no cotidiano desses imigrantes e de seus descendentes.

Considerando que o objeto de análise do presente trabalho são os relatos de um grupo de descendentes de alemães de Teófilo Otoni e que o objetivo é a identificação dos traços e marcas identitárias, em características e práticas, entendidos como marcas de reterritorialização relativas às crenças, à cultura e aos valores representados discursivamente nesses relatos, faz-se necessária a explanação da ancoragem teórica da memória e da identidade que subsidiaram a presente pesquisa.

2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Delgado (2005) afirma que tanto a história, como a memória trazem contribuições importantes para a “façanha de conhecer o passado”, já que evita que o ser humano perca referências fundamentais à construção de identidades coletivas, sendo as duas, apesar de distintas, antídotos do esquecimento. Nora (1993, p. 09) afirma que longe de serem sinônimas, tudo opõe uma a outra. “Enquanto a memória é a vida, e, nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, a história é a reprodução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. Para o autor a história corresponde à aceleração moderna do tempo, o que faz com que se percebam os eventos como sendo efêmeros, transitórios e pertencentes a um tempo homogêneo, assim, essa historiografia se apresenta como uma narrativa lógica e linear, ao contrário da memória, que está ligada a movimentos contínuos e lembranças transmitidas entre gerações.

Nessa direção, Delgado (2005) acrescenta que as narrativas constituem-se importantes instrumentos de preservação e transmissão das heranças identitárias.

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana (...) São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo (DELGADO, 2005, p.22)

Trabalhar com a investigação de relatos que constituem a memória sobre a chegada desses imigrantes em Teófilo Otoni é dar espaço aos sujeitos anônimos da história na produção e divulgação da própria história. Dessa forma, articulando as suas narrativas aos contextos e aos elementos do nosso objeto de pesquisa, trazemos as representações dos sujeitos que ouviram dos seus pais ou avós as histórias da chegada e os desafios da sobrevivência na região.

Sabe-se que a noção de memória se relaciona a discurso na medida em que ao mencionar imigração, escolhem-se e ressignificam-se aspectos sobre a cultura, o modo de representar o processo migratório e os aspectos da (re)territorialização. Nesse sentido, memória e discurso se constituem como ressignificações da

experiência a partir das vivências, das relações com a sociedade e das interpelações a partir das relações de poder.

Através da fala, dos gestos e das emoções, a metodologia da História Oral permite apreender questões relativas à motivação, à permanência no local ou país de acolhimento, além de registrar práticas, costumes, identidades e tradições referentes à origem (PORTELLI, 2004). É ainda necessário considerar que a História Oral tem muito a contribuir para a compreensão do movimento de chegada dos imigrantes alemães, pois trabalha com relatos de memória, com depoimentos, testemunhos, verbalização de traumas, experiências re-significação do passado e das experiências de vida.

Pierre Nora (1981, p. 21) afirma que “os lugares se constituem ‘lugares de memória’, quando, simultaneamente materializam três sentidos: o material, o simbólico e o funcional”. O autor exemplifica que, mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória quando “a imaginação o investe de uma aura simbólica”.

Assim, onde existe o ser humano, pode-se afirmar que a Memória se estabelece, gerando os seus lugares, entretanto, faz-se necessário que haja “vontade de memória”, sem a qual os lugares de memória passam a ser lugares de história.

Dessa forma, a memória é entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes (Halbwachs, 1990). O autor postula que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. De outro modo, ainda que cada um de nós possa pensar a memória dos descendentes de imigrantes alemães como algo pessoal, familiar, cada um que relata essa história, relata a partir da sua participação, da sua representação, assim, a memória é coletiva, uma vez que o indivíduo, por mais que esteja só, é o resultado de interações sociais.

Peralta (2007) considera relevante a experiência social no estudo da memória. “Enquanto construção social, a memória deve, desta forma, situar-se num espaço que medeia a manipulação ideológica e a experiência social que os membros de uma comunidade específica têm de determinados eventos” (PERALTA, 2007, p.18).

Para Pollak (1992), “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (1992, p.205). Para o autor,

esse sentimento de identidade corresponderia, de modo superficial, à imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si mesma, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.205).

Nessa direção, Pollak (1992) traz uma importante contribuição na discussão da memória que é a relação entre a identidade e memória, na qual se destacam as fronteiras do pertencimento e sentimento de coerência. O autor aponta como elementos da memória os acontecimentos, personagens e lugares. Esses elementos que constituem a memória dos sujeitos podem envolver situações das quais eles participaram diretamente ou que participaram por tabela, mas que foram incorporados como parte de sua memória. Por isso podem dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Os sujeitos reconstroem suas narrativas selecionando, recortando, reconstruindo suas memórias em função das questões que lhes são colocadas no presente.

Assim como a memória se apresenta como uma construção social, a identidade social é “uma representação, relativa à posição no mundo social, e, portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento” (PENA, 2001, p. 93).

Penna (2001), analisando as noções de “perda de identidade” e “desenraizamento” afirma que muitos migrantes costumam vivenciar sua trajetória em termos de variadas perdas, já que tal experiência acarreta o abandono do “lugar de origem”, sendo, nessa perspectiva “desenraizante”. Entretanto, a experiência da exclusão já se presentifica e o desenraizamento já existe antes mesmo da partida. Nessa direção, a autora afirma que “raízes” dizem respeito a uma referencialidade de espaço territorial e/ou cultural perdida com a migração e que a migração implica, portanto, um processo de (re)construção de referenciais de vida. Assim sendo, pode-se afirmar que haja um estreito vínculo entre a construção de identidades, os discursos e as condições de existência, a cultura e as relações sociais.

Nesse sentido, a identidade é constituída na influência mútua entre o indivíduo e a sociedade e representados nos discursos. O sujeito carrega marcas do eu em experiências, que deixam suas marcas identitárias discursivamente relatadas em ações, eventos e práticas sobre o migrar. Esse processo é construído num diálogo sucessivo com os ambientes culturais considerados como exteriores e com a identidade que eles oferecem. Dessa maneira, ela completa o espaço entre o mundo interno e o externo, entre as estruturas de significados pessoais e publicamente construídas. Assim, o indivíduo se projeta nessas identidades culturais por meio de discursos, práticas e valores, constituindo a identidade fragmentada. Concomitantemente ele assimila seus significados e valores, tornando-se parte dessa cultura, cooperando para o alinhamento das emoções subjetivas com os espaços materiais que tomam o mundo social e cultural. Então, esse processo de concepção identitária prende o indivíduo à estrutura, consolida tanto os indivíduos quanto os mundos culturais em que eles residem, tornando-os mutuamente integrados (HALL, 2006).

Diretamente relacionada à formação de uma identidade,

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2009. p. 17).

Baseando-se em Brandão (1986), Penna (2001) afirma que a identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social que se articulam e se atualizam. Esses “sistemas simbólicos na representação são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente” (PENNA, 2001, p.108). Assim, identidades se representam a partir de construções simbólicas sobre o eu, sobre o outro e sobre as experiências do migrar.

Woodward (2009) acrescenta que a identidade, tal como a diferença, é uma relação social, e como tal está sujeita às relações de poder, já que a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre as operações de incluir ou de excluir. De outro modo, identidade e diferença se traduzem em declarações sobre “o que sou” e o “não sou” ou “eu sou alemão”, “não sou brasileiro”. Para o autor, essa demarcação de fronteiras é fortemente destacado entre “nós” e “eles”, que neste contexto, sugere a marcação de posições do sujeito.

Lopes (2010) apresenta uma reflexão acerca das práticas identitárias na qual questiona as posições fincadas em binarismos fechados e sinaliza novas configurações “sobre quem somos ou podemos ser”.

O autor, ao desvalorizar os tradicionais binarismos identitários bem delimitados, “procura sentido nos espaços opacos, nos meandros pouco claros, nas fronteiras em que as ideias, as pessoas e as culturas em fluxo se entrecruzam e se misturam” (LOPES, 2010, p. 10).

Assim, o presente estudo, ao buscar nos relatos de descendentes alemães os modos de fazer discursivos que possam revelar traços identitários relativos às crenças, cultura e valores, privilegia o trânsito identitário, já que este parece estar muito mais próximo da forma como os descendentes participantes da pesquisa vivem e representam as suas práticas sociais. Além disso, o trabalho com a linguagem na materialidade das práticas sociais é revelador das ‘referencialidades espaço-culturais’ a que Penna (2001) se refere. Tais referencialidades se apresentam nos discursos e constituem-se, pois, objeto de análise desta pesquisa. Nessa perspectiva, o próximo tópico traz a abordagem conceitual do discurso enquanto prática social.

2.3 IDENTIDADE E DISCURSO E(M) PRÁTICAS SOCIAIS

A temática das identidades ou das questões identitárias surge nas Ciências Sociais, mas também tem despertado interesse de um grande número de estudiosos da linguística – especialmente os estudos discursivos- que entendem a emergência das questões identitárias associada às intensas mudanças sociais, culturais e econômicas, características da modernidade posterior⁵, que provocam rupturas em estruturas antes estáveis. Nesse contexto, a discussão Identidade e discurso sugere um pressuposto: as identidades estão sendo descentradas, deslocadas, fragmentadas (Hall, 2006). É relevante, portanto, examinar a representação dos sujeitos sociais que se posicionam e são posicionadas em meio a essas mudanças.

⁵ Esse é um termo utilizado por Fairclough para retratar o período atual que envolve profundas transformações no seio da sociedade contemporânea, mergulhada nos processos de globalização.

Considerando o cenário de mobilidade e de transformação, Fairclough (2008) defende que os discursos não apenas refletem ou representam identidades e relações sociais; eles as constroem. Assim, investigar o discurso, com base nessa perspectiva, é analisar como as/os participantes agem no mundo e constroem sua realidade social e a si mesmas/os.

Como afirma Woodward (2009), somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo. De outro modo, os diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Somos posicionados e também posicionamos a nós mesmos, de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando.

A autora acrescenta que quaisquer que sejam os significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições.

Assim, torna-se impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provém de alguém (ou instituição) que carrega suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular, assim como seus interlocutores. Assim dizendo, pode-se afirmar que um dos efeitos constitutivos do discurso é o de representar as práticas sociais, onde, além de outros aspectos e dimensões, estão as pessoas com suas posições, atitudes, sua maneira de ver o mundo, desafiar – ou não – o instituído, contradizer – ou não – o dito.

Num contexto de estudos discursivos críticos de orientação de Fairclough (2001;2003;2006), Resende e Ramalho (2009, p. 77) afirmam que identidades projetam-se não só a partir de simultaneidades, mas também por diferenças. Isso implica que são mutáveis e que por se formarem a partir de construções simbólicas estão “sujeitas a relação de poder e a lutas por sua (re)definição. A afirmação da identidade e da diferença no discurso traduz conflitos de poder entre grupos assimetricamente situados”. Assim, essas práticas sociais e culturais contribuem diretamente para a modelagem das representações sociais existentes dentro de um grupo ou comunidade.

Segundo Fairclough & Chouliaraki (1999), os momentos do discurso se encontram numa perspectiva dialética nas práticas sociais (poder, relações sociais, práticas materiais, momento institucional, crenças, valores e desejos), portanto, cada momento internaliza o outro e o discurso estaria presente em todos. Assim, a linguagem não pode ser estudada isoladamente nas relações sociais que ela ajuda a construir, ela é um elo comum entre todas as práticas.

As diversas práticas de linguagem que se configuram em discursos ajudam a revelar a constituição identitária dos indivíduos, mesmo que as marcas da identidade se alterem com as territorialidades, compreendidas como conjunto de relações de poder envolvidas por simetrias e assimetrias compartilhadas dentro do agrupamento populacional. É nessa perspectiva que as representações discursivas trazidas nos relatos de descendentes de alemães podem revelar traços identitários relativos às crenças, práticas culturais e valores teuto-brasileiros em Teófilo Otoni- MG.

Entende-se que os discursos se dão a partir de fatos ressignificados pelos sujeitos, que os reelaborarão a partir das tomadas de memória, em seus relatos. Entendendo o contexto dos dizeres, no próximo capítulo, a temática da imigração é abordada sob a perspectiva dos movimentos populacionais, buscando-se portanto, os fatores de expulsão do território de origem e atração dos imigrantes alemães para o Brasil, e de modo especial, para Teófilo Otoni - MG.

3 IMIGRAÇÃO NO BRASIL – SÉCULOS XIX E XX

O presente capítulo tem como objetivo abordar a migração enquanto um fenômeno social e político, produto de uma relação de poderes em que há sempre um lado mais vantajoso, uma posição dominante, que é daqueles que oferecem o território para chegada dos estrangeiros. Apesar do foco desta dissertação ser o estudo discursivo sobre os relatos de memória, faz-se necessária a apresentação deste contexto, uma vez que a compreensão dos relatos se dá em um contexto migratório e pós migratório, quando os migrantes se reinventam no Território de Teófilo Otoni, tanto localmente quanto simbolicamente. Desse modo, a noção de linguagem como prática social carrega em si marcas do vivido, dos processos de (re)territorialização relatados nas entrevistas, prenes de sentido.

3.1 O CONTEXTO MOTIVADOR DA IMIGRAÇÃO AO BRASIL – SÉCULOS XIX E XX

A imigração alemã para o Brasil está inserida em um contexto social e econômico que apresenta aspectos que merecem atenção dos estudiosos, e de modo especial, merece também pesquisa o processo social e político que envolveu o deslocamento desses europeus para Teófilo Otoni - Vale do Mucuri-MG.

Entretanto, antes de adentrarmos nas especificidades da imigração alemã, faz-se necessário pensar o fenômeno da migração internacional tendo em vista alguns estudos desenvolvidos por vários teóricos das mais diversas áreas do saber. O trabalho de Ravenstein publicado em 1885 pode ser considerado como o pioneiro desses estudos. Nele, o autor faz um levantamento de algumas leis que regeriam a migração, tratando também da questão da seletividade do migrante (RAVENSTEIN, 1980). Embora essas leis tenham sido contestadas, não deixam de ser um marco nos estudos sobre migração e, sobretudo, para a busca da compreensão dos elementos motivadores da migração.

Tomando como ponto de partida as propostas feitas por Ravenstein(1980), Lee(1980) destaca que o fenômeno da migração implica sempre a existência de um

lugar de origem e um lugar de destino, e ainda, que qualquer lugar apresenta, por um lado, fatores positivos (*pull*) capazes de atrair os migrantes, por outro, fatores negativos (*push*), que expulsariam os migrantes do seu lugar de origem. O autor ainda fala dos fatores neutros e obstáculos intervenientes. Segundo Lee (1980), para que o indivíduo optasse pela migração seria necessário que os resultados desse deslocamento fossem fortemente positivos, dessa forma, tanto os contatos pessoais, como o sistema de informação a que o migrante tivesse acesso seriam fatores relevantes para a tomada de decisão.

Fausto (1991) ressalta que a imigração é um processo social que envolve grandes deslocamentos, sendo preciso analisar o quadro social que envolve tanto as “áreas expulsoras” quanto as “áreas receptoras”.

Dessa forma, analisar os fluxos migratórios exige o conhecimento do contexto motivador para tal movimentação.

Segundo Klein (2000), as condições econômicas constituem o fator de expulsão mais importante, sendo necessário conhecer os fatores que determinam ou potencializam a opção por emigrar. O mesmo autor aponta três fatores como determinantes: o acesso a terra, e portanto, ao alimento; a variação da produtividade e o número de membros da família que precisam ser mantidos.

No século XIX a Europa vive um período de explosão demográfica, resultante da queda abrupta das taxas de mortalidade associada a taxas de fecundidade muito altas, o que influenciou sobremaneira a emigração. O crescimento da população interferiu também no setor agrícola dos países europeus, já que foi preciso mudar os métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção, o que acarretou alterações também nas novas divisões de terras entre os camponeses que a possuíam.

Para Alencastro e Renaux (1997), na Alemanha, nas camadas mais modestas, existia uma **Heimatlosigkeit** –ausência de sentimento de pátria- vivenciada como a não propriedade do solo, e esta condição de sem-terra, equivalia a de ser alguém sem pátria. Provavelmente essa condição levou os imigrantes alemães a ver a emigração como uma alternativa para realizar seu desejo de ser proprietário de um pedaço de terra.

Klein (2000) afirma que os “*enclosures*” – processo de passagem de terras livres ou comuns para o uso privado, com a demarcação de áreas e seu cercamento - e a supressão dos tradicionais direito de acesso a terra fizeram com que muitos

camponeses perdessem o seu direito, tendo sido forçados a trabalhar para outros. Além disso, essa nova estrutura econômica representada pela industrialização e pelo capitalismo significou menor necessidade de mão de obra exatamente em um momento em que havia excedente de força de trabalho.

Na Alemanha do século XIX, como em outros países, a situação dos camponeses impunha-lhes um quadro alimentar precário, em geral com falta de vitaminas e proteínas (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993).

Flores (1983) cita ainda várias doenças existentes em decorrência das péssimas condições de trabalho, tais como a asma (afiadores e lapidadores); tuberculose, anemia e deformações na coluna (mineiros) e envenenamento pelo chumbo (oleiros, pintores e armeiros).

A própria rigidez socioeconômica estimulou a emigração.

Da aliança Estado-Igreja, decorria a exigência, por exemplo, de que os camponeses provassem possuir o necessário para a instalação de cada novo casal. Os não-herdeiros ou aqueles que ainda não tivessem recebido sua herança tinham as suas possibilidades de casamento reduzidas ou eram até mesmo condenados ao celibato. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p.47)

Assim exposto, pode-se perceber o quanto, no contexto dos séculos XIX e XX, as questões sociais e econômicas foram determinantes fatores de expulsão dos europeus. No relato de uma das entrevistadas, ela ressalta que os avós falavam da fome e das dificuldades na Alemanha e sobre os motivos de virem para o Brasil.

*Na Alemanha, ele não trabalhava... será que trabalhava com a terra... deixa eu ver... que **a vida deles lá também era uma vida muito dura**, trabalhava muito, teve época lá na Alemanha... deixa eu ver se eu me lembro... que ele contava né... **que eles sentiam falta de alimento::... eles não tinham nada lá não. Eles vieram pra cá porque eles ficaram sabendo que naquela época falavam muito daqui do Brasil, que aqui tinha muita terra ... que aqui colhia muito...** que aqui tinha plantação de café:: essas coisa né... eles então ficaram sabendo e quiseram vir pra cá para possuir alguma coisa ... que eles não possuía muita coisa não ... ele me conta::va ... ele contava a gente , a gente as vezes tava em casa almoçando e quando os meninos falavam assim ... eu não quero comer isso não e tal, ele... não gente... **não faça Isso porque nós já passamos muita fome...** teve uma época lá... que ele trabalhava... ele falava como que era o nome que ele dava as pessoas que era o patrão deles né... ele dava os nome dos patrão que ele trabalhava para esse patrão ... meu avô trabalhava e os meninos também trabalhava né... que **um dia faltou Alimento:: na casa ... eles não tinha nada pra comer né e na hora do almoço...** isso é um caso que meu pai contava pra mim... na hora do almoço ela pôs... a minha vó pôs a mesa né... e pôs os pratos e né... **cada prato botou uma***

moeda que eles não achava nada pra comprar ... não sei como que era o negócio não e em cada prato ela colocou uma moeda (...) *Relato Oral – sujeito 3^o.*

Como ressalta Keim (2012)

Permanecendo na pátria mãe, mas pobre, desempregado, vivendo à margem da sociedade, o indivíduo não dispunha de meios para adquirir os produtos que eram fabricados pela indústria, que a cada dia se aperfeiçoava mais [...] havia incentivo das próprias nações europeias para aquelas pessoas, com dificuldade de adaptação à nova modalidade de vida, emigrassem. Em muitas cidades, havia propaganda, enganosa até, em jornais, incentivando os habitantes a se mudarem para outros países (KEIM, 2012, p.52)

Se a falta de terras na Europa constituía-se fator negativo, já que a terra era cara e a mão de obra barata, na América, a terra era abundante e estava disponível, o que evidentemente foi um forte fator de atração.

Klein(2000) acrescenta

[...] a possibilidade de obter terra era uma constante atração para todos imigrantes. Com a terra tão barata – novamente em comparação com os padrões europeus – era grande a probabilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas próprias fazendas, muitas vezes num período de tempo muito curto após a chegada (KLEIN, 2000, p.17)

Com relação ao contexto social e econômico brasileiro, tem que, no Brasil, na metade do século XIX, vivia-se a abolição da escravidão e, como apontam Brito (2004), Furtado (1974) e Franco (1984), não existia no país força de trabalho disponível para o capital cafeeiro, na época, em plena expansão, o que forçou o Estado a atender os interesses das oligarquias, patrocinando assim, a maciça imigração internacional.

Furtado (1974) observa que os nativos não estavam disponíveis para economia cafeeira devido à oferta ilimitada de terras, o que levou o Brasil a uma economia que combinava o latifúndio com a economia de subsistência.

Brito (2004) acrescenta

O latifúndio era uma unidade social-econômica e no seu entorno gravitava a mão de obra livre nacional, como os parceiros, arrendatários ou

⁶ Para realização da pesquisa, foram coletados relatos orais. Os sujeitos participantes da pesquisa serão identificados como – sujeito – independente do gênero. A fala acima refere-se ao sujeito 3, 82 anos, brasileira, filha de imigrante alemão. Na transcrição dos relatos foram utilizados alguns sinais apresentados por CASTILHO (1998) como normas para transcrição. As (...) indicam pausas nas falas; as maiúsculas, entoação enfática e o alongamento de vogais é marcado pelo uso de (:).

proprietários de minifúndios – todos reduzidos à mera economia de subsistência ou a uma pequena agricultura de alimentos. Pela relação de dependência que mantinham com a unidade básica, não deixariam de ser “uma mão de obra cativa do latifúndio”, portanto indisponível para economia cafeeira (BRITO,2004, p.6).

Franco (1984) afirma que após a abolição, na virada do século XIX para o século XX, mesmo havendo um grande potencial de mão de obra livre, esses não sofriam pressões econômicas suficientes para se transformarem em força de trabalho assalariada. Assim, a mesma autora acrescenta que o fazendeiro voltou-se então para o exterior em busca dos braços de que necessitava.

A Lei de Terras, aprovada em 18 de setembro de 1850 proibia a abertura de novas posses e restringia o acesso às terras devolutas⁷, desse modo, a aquisição só poderia ser feita mediante a compra. De outro modo, a estratégia do governo imperial, nesse processo, foi restringir ao máximo o acesso à propriedade, garantindo assim os interesses oligárquicos.

Segundo Brito (2004), em 1842, o Conselho do Estado do Império elaborou uma proposta tendo como referência o livro de E.G. Wakefield, *Letters from Sidney, de 1829*. A proposta previa que

[...] “as terras reais poderiam ser outorgadas por venda a preços deliberadamente acima do mercado, para que os imigrantes não conseguissem comprar terras ao entrar no país devido ao alto preço. Seriam portanto, obrigados a trabalhar certo tempo nas plantações, e as terras só poderiam ser vendidas a eles três anos após (DEAM, 1976, p.249) apud BRITO (2004, p. 12).

Na Lei de Terras, a imigração internacional foi contemplada por meio das vantagens concedidas à pequena propriedade necessária à colonização, cabendo assim destacar que esta já vinha sendo promovida pelo governo imperial mediante a constituição de colônias agrícolas (BRITO, 2004).

⁷ Terras devolutas, segundo Saquet (2003, 14), são: “As que não se acharem aplicadas a algum uso público, nacional ou municipal. As que não se acharem no domínio particular por qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em comissão por falta de cumprimento das condições de medição e cultural. As que não se acharem dadas por sesmarias ou outras concessões do Governo, que, apesar de incursas em comissão, forem revalidadas pela Lei [das Terras Públicas]. As que não se acharem ocupadas por posses, que apesar de não se fundarem em título legal, forem, legitimadas pela Lei [n. 601 de 18 de setembro de 1850].”

Entretanto, o mesmo autor ressalta que a imigração internacional que interessava as oligarquias na metade do século XX não era mais de colonos, mas de mão de obra livre para suprir a “falta de braços”. Os artigos 18 e 19 da Lei de Terras são precisos e objetivos quando afirmam:

[...] o Governo fica autorizado a mandar vir anualmente às custas do Tesouro certo número de colonos livres para serem empregados pelo tempo que for marcado, em estabelecimento agrícolas, ou nos trabalhos dirigidos pela administração pública, ou na formação de colônias nos lugares que elas mais convierem, tomando antecipadamente as medidas necessárias para que tais colonos achem emprego logo que desembarcarem⁸.

Martins (1981, p.42) afirma que as terras, legitimadas e organizadas como mercadoria pela lei, seriam consagradas aos imigrantes internacionais em pequenos lotes, depois de passarem pela fase “proletária”. Brito (2004) acrescenta que somente entre 1851 e 1870 foram instaladas 85 colônias agrícolas, onde a mão de obra estrangeira entrava num sistema de parceria, o que provocou muitas críticas, já que o imigrante – europeu e branco – passava a ser muito mais útil não como um colono, pequeno proprietário dentro de uma estratégia de povoamento, mas sim como braço para grande lavoura.

Em Minas Gerais, a cafeicultura começa a adquirir peso na economia regional também no período em que a escravidão encontrava-se em seus estertores. Porém, os cafeicultores mineiros não puderam contar com os enormes excedentes de capitais que viabilizaram os subsídios dados pelos paulistas para os imigrantes. Além disso, faz-se necessário ressaltar que, apesar de contar com a maior população entre os estados brasileiros, esta era relativamente rarefeita, uma vez que os trabalhadores livres podiam contar com terras relativamente fartas para prover sua subsistência, sem ter que se submeter ao trabalho para outrem. Nesse contexto, a introdução de novos contingentes populacionais direcionados para determinadas áreas do estado poderia auxiliar na diminuição de terras livres, na construção de estradas e povoamento da terra.

Todos esses fatores favoreceram a implantação de políticas que tornavam o Brasil um lugar atrativo para os europeus, que na época viviam transformações políticas e sociais aqui já expostas.

⁸ Disponível em <http://www.webhistoria.com.br/lei1850.html>

Entretanto, faz-se necessário ressaltar que no Brasil, desde o século XVI, foi estabelecido um importante cenário onde se efetivou de forma intensa as migrações internacionais, dadas as necessidades de mão de obra e ocupação territorial. Segundo Seyfert (2000), a política imigratória no Brasil, voltada para a colonização de terras públicas começou a ser delineada antes mesmo da Independência, quando foi assinado por D. João VI um decreto que viabilizou o acesso a terra para estrangeiros no regime de sesmarias. A autora destaca que a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, abriu espaço para a atuação de estrangeiros no mercado brasileiro.

Assim, os alemães integraram o processo de colonização desde a instalação da primeira colônia, em 1818, na Bahia, portanto, antes mesmo da necessidade do “trabalhador livre” no contexto da passagem do sistema escravocrata para o sistema de “força de trabalho livre” e de origem europeia.

3.2 CONSTRUINDO ALGUMAS MARCAS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL: DA EUROPA PARA MINAS, VALE DO MUCURI- UMA VERSÃO OFICIAL

A vinda de imigrantes para o Brasil, ressalvada a presença dos portugueses - colonizadores do País - delineia-se a partir da abertura dos portos às "nações amigas" (1808) e da independência do país (1822). À margem dos deslocamentos populacionais voluntários, cabe lembrar que, inicialmente, na história da colonização, milhões de negros foram obrigados a cruzar o oceano Atlântico, ao longo dos séculos XVI a XIX, com destino ao Brasil, constituindo-se a mão de obra escrava (BASSANEZI,1995).

Em decorrência do grande contingente de negros no território brasileiro, alguns estudos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO,1993; FRANÇA, 2009; FAUSTO,2000) apontam o embranquecimento da população brasileira como também um dos objetivos da política imigratória brasileira, além de outros, como (FRANCO, 2004; BRITO, 2004) sugerirem o aspecto ideológico de tal objetivo.

Segundo a Fundação João Pinheiro (1993, p.21), essa política imigratória objetivava principalmente “promover o branqueamento racial do país, além de buscar garantir a segurança territorial e fortalecer a economia de mercado”.

A proposta de branqueamento racial pretendia quebrar a hegemonia demográfica das populações de origem africana, através da introdução de contingentes populacionais europeus, tendo em vista que a população, a maioria constituída por escravos, não tinha “todas as virtudes sociais” necessárias a um “povo ideal”, “apto ao trabalho e à prosperidade” (AZEVEDO, 1987).

Magnoli (2009) afirma que as elites do Império do Brasil interpretavam como sua missão a criação de uma civilização moderna – isto é, europeia, uma vez que o Brasil não poderia ocupar um lugar de destaque no concerto das nações enquanto fosse um país de negros. Segundo o autor, o empreendimento começou quando Dom João VI financiou a imigração de algumas centenas de colonos suíços e alemães, que fundaram Nova Friburgo. A nova cidade, nas proximidades do Rio de Janeiro deveria contribuir para a mudança do panorama racial da cidade da Corte. O autor salienta que “meio século depois, a promoção da imigração de trabalhadores europeus para o café foi justificada em larga medida, como passo decisivo na reforma racial do país”.

Mesmo não sendo o foco deste trabalho, faz-se necessário destacar que há divergências e mesmo críticas às questões que tratam o “embranquecimento” da população, ou a preconização da cultura europeia como justificativas para a política imigratória. Como já exposto na página 33, no Brasil, a política da imigração internacional visava atender às oligarquias, sobretudo do café, já que, como expõe Brito (2004) não existia no país força de trabalho disponível para o capital cafeeiro, até porque os nativos não estavam disponíveis para economia cafeeira devido à oferta ilimitada de terras (Furtado, 1974).

Para Brito (2004), são muitas as evidências de que o papel da imigração internacional não se restringiu ainda a suprir uma “escassez relativa de mão de obra”. Segundo o autor,

Foi uma estratégia do Estado -, e, portanto, das oligarquias – tornar praticamente nulos, por meio do subsídio governamental à imigração, os custos que a Abolição inevitavelmente traria para amplos setores da economia cafeeira BRITO (2004, p.17).

Sobre o interesse pela colonização, Saquet (2003) também apresenta o fim do regime escravocrata como motivador para as imigrações europeias, e descreve:

No processo de imigração e colonização, um fator central foi o fim do regime escravocrata na formação do mercado interno brasileiro. A extinção do tráfico negreiro para o Brasil ocorreu no processo de expansão capitalista, no nível internacional, por pressões inglesas, pois o escravo não tinha poder aquisitivo. As relações produtivas vigentes no Brasil, oficialmente até 1888, dificultavam o expansionismo inglês. Por isso, na articulação incessante que existia entre o capitalismo no nível internacional e a economia de mercado interno, havia a necessidade de abolição do trabalho escravo. Concomitantemente, acontecia o incremento da cultura cafeeira. Por isso, a classe hegemônica cafeeira precisava de força de trabalho para substituir os escravos. Também, era necessário ocupar de forma definitiva as terras [...] (SAQUET, 2003, p. 44 e 45).

As autoras Patarra e Baeninger (1995, p.79) também fazem referência à necessidade da presença de um contingente migratório que pudesse suprir a necessidade de mão de obra.

[...] a passagem de um sistema econômico escravocrata para um sistema capitalista exigiu a presença de contingente migratório que fosse capaz de suprir a necessidade de mão-de-obra para a lavoura. Desse modo, passou-se de um tipo de movimento migratório, ou seja, a imigração africana forçada, característico de determinada etapa do desenvolvimento econômico [...] para a migração da força-de-trabalho livre e de origem européia [...]

No entanto, para além da discussão acerca do caráter ideológico do “embranquecimento” da população ter sido um dos objetivos para implantação da política imigratória brasileira, parece consensual que a participação dos alemães no projeto imigrantista de colonização foi baseada na pequena propriedade familiar, e os seus aspectos característicos constituem a questão central do presente estudo na medida em que representa o contexto a que muitos relatos coletados se remetem.

Neste sentido, o investimento colonizador, em especial no Sul do país, tinha como finalidade ocupar terras devolutas, objetivando a ocupação do território num sistema que privilegiou a pequena propriedade agrícola trabalhada com mão de obra familiar. Seyferth (2000, p. 309) ainda afirma que “tratava-se, portanto, de um sistema de povoamento de territórios considerados ‘vazios demográficos’, com o objetivo de promover uma agricultura baseada na pequena propriedade familiar”.

Os primeiros imigrantes alemães destinados a projetos agrícolas chegaram em 1818 para participar do empreendimento liderado pelo naturalista Jorge

Guilherme Freyreiss, no sul da Bahia, onde recebeu cinco sesmarias⁹ para fundar a colônia Leopoldina, considerada a primeira colônia alemã no Brasil. Outras duas tentativas ocorreram na Bahia em 1821 e 1822, entretanto não tiveram sucesso e os colonos se dispersaram (SEYFERTH, 2000).

Em 1819 ocorre outra tentativa de colonização em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, só que a princípio, por imigrantes suíços, que se retiraram da região devido às precárias condições de assentamento, à distância do mercado e às altas taxas de mortalidade. Em 1824, a colônia recebeu cerca de 350 imigrantes alemães (SEYFERTH, 2000).

Segundo Maltzahn (2009), a fundação da colônia de São Leopoldo tornou-se o marco da imigração alemã no Brasil, já que foi a única considerada bem sucedida. O mesmo autor acrescenta que até 1830 foram fundadas as colônias de São Pedro de Alcântara – marco da colonização alemã em Santa Catarina-1829; Mafra, no estado de Santa Catarina e Rio Negro, no estado do Paraná, mas tais empreendimentos também não produziram o resultado esperado. Seyferth (2000) acrescenta que tais colônias encerram a primeira fase da colonização alemã no Brasil, interrompida pela guerra civil no Sul, sendo retomada apenas em meados da década de 1840.

Um dos aspectos característicos dessa primeira fase da colonização alemã no Brasil é a ocupação de terras devolutas, objetivando a ocupação territorial através da produção agrícola com mão de obra familiar, o que se traduz no tamanho dos lotes concedidos a cada unidade familiar – cerca de 75 hectares, que, conforme será apresentado, na segunda fase, passa a ser reduzido até chegar aos 25 hectares. Esse primeiro período não atraiu um fluxo espontâneo de imigrantes alemães, sendo o isolamento em ‘zonas pioneiras’ uma característica dessa política de ocupação territorial.

Para Bassanezi (1995, p.32), “[...] no contexto da imigração no Brasil, nenhuma outra etnia se concentrou tanto em áreas homogêneas e compactas, concorrendo para modificar a estrutura fundiária e a vida dos Estados onde se estabeleceu [...]”. A mesma autora acrescenta que o isolamento inicial – inclusive

⁹ O regime de Sesmarias foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção. No Brasil, o Estado português decidiu utilizar o sistema sesmaria no alémmar, com algumas adaptações. É na distribuição das terras que está à origem do sistema, ou seja, uma política de povoamento estendida nas colônias portuguesas. Sua principal função era estimular a produção. O proprietário deveria, como principal dever fertilizar a terra para a produção.

étnico – dessa ‘colonização alemã’ foi um fenômeno característico que não tem equivalente na história da imigração no Brasil.

“Os alemães e, mais tarde, já na segunda metade do século XIX, imigrantes de outras nacionalidades europeias receberam seus lotes coloniais em zonas pioneiras e ali ficaram relativamente isolados da sociedade nacional. O contato mais sistemático com brasileiros só aconteceu no período republicano, já no século XX. A concentração deles em regiões bem definidas e a constituição de um campesinato de pequenos proprietários permitiram uma formação de uma sociedade diferente não apenas nos aspectos étnicos. A figura do pioneiro, simbolizada na ideologia étnica, portanto, emergiu do formato de ocupação em frentes pioneiras” (SEYFERTH, 2000, p. 287)

De fato, o isolamento é uma primeira característica observável na fase de implantação de colônias. Maltzahn (2009, p. 2) afirma que o isolamento étnico dos imigrantes alemães não decorreu então da sua espontânea escolha, mas de execução da política de colonização do Império. Para o mesmo autor, o campesinato e o isolamento relativo permitiram aos imigrantes alemães formarem e organizarem, desde os primeiros anos da colonização, uma sociedade étnica, cultural e econômica própria. Esse isolamento também pôde ser percebido em Teófilo Otoni com os imigrantes que foram destinados à zona rural. Entretanto, a abordagem desse aspecto será tratada com mais detalhes no próximo capítulo, quando se narrará as territorialidades construídas no processo de formação da cidade.

Seyferth (2000, p.284) chama atenção para denominação “colônia alemã”, afirmando que necessariamente não sugere uma homogeneidade étnica, mas assume, no contexto das imigrações no Brasil, um significado sociológico que remete à organização comunitária dos imigrantes, num sentido de pertencimento étnico.

“É quase impossível desvincular imigração alemã e colonização: os alemães tiveram primazia como “colonos estrangeiros” na primeira metade do século XIX, deram feição étnica à sociedade formada pelo complexo colonial, que persistiu mesmo nas áreas compartilhadas com outros imigrantes, e as dificuldades e contratempo enfrentados ao longo do período de ocupação territorial ajudaram a elaborar a figura do *pioneiro* com feições étnicas derivadas de um ethos camponês” (SEYFERTH, 2000, p. 285)

Segundo Weyrauch (1997, p.80), “autoridades como o marquês Abrantes consideravam o alemão inclusive como o imigrante dotado das qualidades ideais para colonizar o Brasil, até pela sua suposta tolerância com a ordem estabelecida”.

Em mensagens dos Presidentes da União Norte-Americana, principal teatro da colonização moderna, tem-se feito o elogio da moralidade dos alemães e do seu préstimo à colonização. Está mesmo sendo demonstrado que, apesar da sua natural repugnância à escravidão, os colonos da raça alemã são opostos à opinião abolicionista, só porque aborrecem profundas e rápidas mudanças na ordem estabelecida. Amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação, respeito às autoridades são as qualidades que distinguem os colonos alemães dos colonos de outras origens (ABRANTES, 1926, p. 2)

A segunda fase da colonização alemã no Brasil inicia em 1845, quando se reiniciam os assentamentos com a fundação de Petrópolis, na província do Rio de Janeiro, e no sul, foram retomados os assentamentos em São Leopoldo/RS, avançando pelo vale do rio dos Sinos e, em Santa Catarina, surgiram mais três colônias nos vales dos rios Cubatão e Biguaçu/SP (SEYFERTH,2000).

Esse reinício marca um período em que ocorreram muitas discussões que visavam à atração de um maior número de imigrantes, assim sendo, foram implementadas algumas mudanças. A primeira delas diz respeito ao fato de o Governo Imperial transferir a responsabilidade da colonização às províncias, que deveriam assumir parte das terras devolutas, ficando, entretanto, sujeitas ao controle do Ministério da Agricultura.

A segunda mudança traz as companhias particulares de colonização, forma encontrada para diminuir as despesas do Estado com a demarcação das áreas coloniais e a instalação de colônias. Nessa transferência de responsabilidades, ocorreu o encolhimento do lote colonial que passou de 75 hectares para 48, e depois para 25. Além dessa redução na área, pode-se destacar a promulgação da Lei nº 601, em 1850, regulamentada pelo Decreto nº 1318 de 1854, que acaba com o regime de posses, transformando as terras devolutas em mercadorias.

Em Minas Gerais, a imigração teve um volume muito menor do que aquele que se dirigiu a outros estados brasileiros. Segundo Lanna (1988),

Minas Gerais traça uma série de políticas públicas de imigração que têm, em geral, como objetivo maior a colonização, entendida [...] como assentamento de população em núcleos de povoamento, não como oferta de mão de obra para os fazendeiros (1988, p. 47).

Seyferth (2000, p. 282) acrescenta que a presença alemã em empreendimentos coloniais foi muito pequena nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. No primeiro, conforme já exposto neste trabalho, o insucesso dos

empreendimentos contribuiu para a dispersão dos imigrantes. No segundo, dado um conjunto maior de empreendimentos fracassados, pode-se destacar apenas duas colônias: a de Teófilo Otoni/MG, onde um pequeno contingente permaneceu e em Juiz de Fora/MG, que incluía colonos chegados desde 1858, mas que rapidamente se transformou em colônia urbana.

Essas duas colônias foram formadas a partir da iniciativa de duas companhias dirigidas por particulares, associadas ao governo provincial. Na Zona da Mata, a Companhia União e Indústria, de Juiz de Fora e no Vale do Mucuri, a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri. Ambas companhias foram responsáveis pela introdução de famílias de imigrantes, em sua maioria de origem germânica, para a construção de estradas nas regiões (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p. 23).

Assim, pode-se perceber tanto nos documentos históricos como nos relatos de descendentes, que a política de colonização em Minas, e de modo especial, no Vale do Mucuri, está inserida na segunda fase, quando as terras passaram a ser comercializadas e os lotes coloniais foram reduzidos.

Segundo a Fundação João Pinheiro (1993), tal política iniciou-se com a Lei Imperial nº 514, de 28 de outubro de 1848.

“[...] da colaboração do Governo Imperial e Provincial com particulares foram constituídas sociedades ou companhias de colonização para entrada de imigrantes e criação de e núcleos coloniais, localizados, de preferência, às margens de ferrovias e estradas de rodagem em construção. Inicialmente, além da prestação de serviços nas obras, através do trabalho assalariado, tinha o colono direito ao acesso a terra, tornando-se pequeno proprietário. Propunha-se o governo a chegar a dois resultados: mão de obra disponível e povoamento de Minas, através da contribuição estrangeira”. (MONTEIRO, 1974 apud FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p.23)

O relato de uma descendente de imigrantes alemães em Teófilo Otoni situa a política imigratória no Vale na referida segunda fase, apontando ainda uma outra perspectiva sobre as relações de trabalho no processo de colonização do Vale do Mucuri.

*(...) as terras não foram doadas não... os colonos comprAVAM as terras... tAnto que o Theófilo Benedito ... pelo que a história nos conta ... pediu que fossem selecionadas as pessoas que tivessem um capital para comprar essa terra... TAnto que **TODOS eles comprARAM e pagARAM...agora ... o pagamento dessas terras era feito com produtos da terra... porque::: circular dinheiro aqui... o que a gente sabe ... que não circulava...eles parece ... que tinham um certo mEdo de que***

os alemães e já os filhos voltassem para Alemanha ou fossem para outros locais... então eles não deixavam circular dinheiro aqui não (...) ” *Relato Oral – sujeito 1, 70 anos*¹⁰.

No Mucuri, em 1853, Teófilo Benedito Otoni¹¹ firma com Schlobach e Morgenstern de Leipzig, contrato para a vinda de dois mil agricultores (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p. 55). Entretanto, havia algumas condições para a seleção desses alemães, bem como estratégias para atraí-los.

Chagas (1956) ressalta que o colono deveria possuir algum capital para que fosse recrutado.

“Estipula-se que cada colono exceto os de menor idade, deverá possuir um capital mínimo de 200 thaler (cerca de trezentos e sessenta mil reis, calculado o thaler a 1\$800). O transporte do Rio de Janeiro para o Mucuri correria por conta da Cia do Mucuri, que se obriga ainda, a fornecer gratuitamente abrigo aos colonos pelo espaço de seis meses. As terras próprias para cultura serão pagas em 4 anuidades, a primeira correspondendo à segunda colheita realizada pelo colono. Ele instruiu seus agentes na Europa no sentido de selecionar colonos que deverão possuir algum recurso[...] Nos colonos, procuro associados e não proletários” (CHAGAS, 1956, p.211-212)

Quanto ao procedimento utilizado para trazer imigrantes, tem-se que os agenciadores não hesitaram em oferecer vantagens não previstas nos programas de colonização (SEYFERTH, 2000, p.277). Há um discurso de sedução desses agenciadores quanto às benesses do território para onde viriam. Weyrauch (1997) faz referência também ao fato de alguns imigrantes acharem estar chegando à cidade americana de Filadélfia, conforme também relatado pela informante 1:

*Da família Nowmn **eles não pensavam que estavam vindo para o Brasil ... parece que houve uma tapeação...porque eles souberam que estavam indo para FILADÉLFIA... e eles pensaram que estavam indo para Filadélfia dos ESTADOS UNIDOS, ... local próspero... então colocaram o nome aqui Filadélfia, não sei se foi estratégia para atrair as pessoas... a família Nowman veio para cá pensando que estavam chegando lá em Filadélfia dos Estados Unidos... Já na família da minha mãe **eles lá na Alemanha ... já tinham descoberto o sabão... e que o uso do sabão evitava doença::s ... então eles começaram com a grande preocupação em usar sabão... e eles lá na Alemanha ouviram falar que aqui no Brasil tinha uma árvore que dava sabão... então vieram pensando que era muito fácil porque*****

¹⁰ A informante 1 aparece descrita na metodologia como “representante-arquivo” por ter sido indicada por todos os descendentes procurados pela pesquisadora.

¹¹ Teófilo Benedito Otoni, nascido na cidade do Serro Frio/ MG, foi o idealizador e fundador da cidade de Teófilo Otoni, antes denominada “Nova Philadelphia” (KEIM, 2012, p. 81).

sabão era muito caro ... quando chegaram aqui era uma árvore que dá umas bolinhas que se esfrega na mão e sai uma espuma mas não tem nada de sabão (...)
Relato Oral – sujeito 1, 70 anos.

Com recursos ou não, o certo é que com a fundação da Companhia do Mucuri, chegaram nos anos de 1856, 1857 e 1868 levas organizadas de imigrantes que vinham participar de um empreendimento colonizador” [...] (WEYRAUCH, 1997, p.80). Os imigrantes trazidos por iniciativa da companhia foram instalados em duas áreas: a urbana, em que se concentravam vários tipos de especialistas, como engenheiros, marceneiros, ferreiros, carpinteiros, oleiros, professores, enfermeiros, comerciantes e etc; e a área rural, onde se formaram as colônias agrícolas. A estes, coube a dura tarefa de desbravar e cultivar a terra, o que talvez possa justificar a organização do trabalho, uma vez que cada imigrante contava com a ajuda de outros imigrantes ou familiares para abrir clareira nas florestas, desmatar e cultivar o terreno, para depois construir um primeiro abrigo (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p. 57).

Aos colonos alemães foram destinadas as terras adjacentes aos córregos de São Benedito e São Jacinto, onde até hoje estão radicados muitos dos seus descendentes. Aos suíços e alsacianos foram cedidas as terras ao longo do rio S. Antônio, e aos holandeses, franceses e belgas, às margens do rio Urucu. (ROTHE, 1956, p.10).

Segundo Rothe (1956, p. 10), “mal chegados esses primeiros imigrantes, a Companhia lhes confiou um empreendimento comum: trabalhar na estrada que ligaria Filadélfia com Santa Clara”. Só depois de cumprida essa fase, cada qual poderia tomar posse de suas cotas de terras, que apresentavam a dimensão de 220m de frente por 3.300 mts de fundos, o que corresponde a 15 alqueires (ROTHE, 1956, p. 10).

Além das dificuldades relativas ao desconhecimento da fauna e flora da região, do impacto das diferenças climáticas, a localização geográfica dos terrenos também representou dificuldades para os colonos.

Foram todos para os altos morros ... TANTo que eles devem ter tido muita dificuldade para abrirem as estradas... depois dos carreiros ... porque antes era só carreiro de burro... burro até que passa por aqueles morros, aquelas depressões... mas depois eles começaram com carro de boi, carroça, charrete, deve ter sido mul::to difícil abrir as estradas naqueles altos de morros e também... até hoje tem dificuldade por causa disso... quando eles querem comprar um trator [...]

um micro trator... não tem como... é muito montanhoso o lugar onde foram colocados os alemães aqui(...) Relato Oral – Sujeito 1 – 70 anos.

Assim, conforme representações construídas pelo descendente, esse período corresponde a uma fase em que os colonos tiveram os seus sonhos desfeitos, já que era preciso trabalhar na construção da estrada Santa Clara – Filadélfia para pagar as suas dívidas, além de que nem todas as terras estavam demarcadas e a medição dos lotes era lenta e imprecisa, o que gerava conflitos entre a companhia e os colonos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p.55).

Huber (2008) acrescenta que as colônias não apresentavam demarcação prévia de linhas e lotes, assim, todo o trabalho era realizado com a mão-de-obra dos imigrantes colonos e consistia não só na abertura de picadas ou linhas, mas também na construção de pontes, estradas, edificação de alojamentos públicos e outras obras. Era com esse trabalho que o imigrante pagava as suas dívidas.

Nos relatos históricos e também na literatura pode-se perceber a descrição desse processo permeado pelos conflitos de terra e pelos relatos sobre o cansaço para derrubar a mata e cultivar os lotes sem a utilização dos métodos tradicionais europeus. Problemas como o povoamento disperso, precariedade de estradas e transporte, problemas de abastecimento de alimentos e vestimentas, doenças, o endividamento e a dependência em relação aos comerciantes estabelecidos marcam esse período de ocupação territorial, e na literatura, contribuem para a construção da figura do “pioneiro”, desbravador de florestas e fundador de colônias alemãs (HUBER, 2010, p. 73).

Assim exposto, pode-se perceber que a imigração alemã no Brasil e no Vale do Mucuri apresenta traços característicos semelhantes, marcados simbolicamente pelo pioneirismo, isolamento e o campesinato característico das regiões de colonização, cujo fundamento está na propriedade familiar. Entretanto, há alguns aspectos que se distinguem já que desenham a organização social do território no seu processo de formação.

4 A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO IMIGRANTE E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES

No capítulo anterior, buscou-se abordar o contexto da imigração alemã, caracterizando esse processo no Brasil e na região do Vale do Mucuri. A seguir serão abordados os conceitos relativos aos aspectos desterritorializadores e re-territorializadores no processo de formação da cidade de Teófilo Otoni- Minas Gerais. Cabe ressaltar que o objeto de estudo do presente trabalho são os relatos, e portanto, a linguagem, mas as práticas de linguagem são formas de territorialidades simbólicas na medida em que compreendem relações que apresentam regras compartilhadas, portanto, fomentadas pelas relações sociais e de poder estabelecidas no território, o que justifica esta abordagem.

4.1 DA IMIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO À RETERRITORIALIZAÇÃO

Sayad afirma que a imigração em si é um produto de relações de forças. Nas palavras do autor “o país receptor assume sempre uma relação de poder dominante com relação ao imigrante”, até porque é ele que oferece em seu território possibilidades de emprego e de melhoria de vida ou de consumo (SAYAD, 2000, p.17).

É sob essa perspectiva que muitos acreditam que a imigração se apresenta como um processo desterritorializador, o que é contestado por Haesbaert (2005) que critica os discursos correntes que afirmam que grande parte da humanidade vive processos violentos de desterritorialização. Para o geógrafo,

o mito da desterritorialização é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, sua reconstrução em novas bases (HAESBAERT, 2007, p.16)

Haesbaert significa o termo “territorializar-se” como a possibilidade de criação de referenciais simbólicos num dado espaço em movimento. Para o autor, a territorialização ocorre por meio das relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, das mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico.

Destaca-se assim que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, haverá também um movimento de reterritorialização, podendo-se afirmar que eles são concomitantes. Para Deleuze e Guattari (2009, p.69) *“temos que pensar a desterritorialização como uma potência perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares e que sempre é relativa, tendo, em reverso, uma complementaridade na reterritorialização”*.

Saquet (2009), descrevendo sobre reterritorialização e identidade realça que no movimento, simultaneamente à desterritorialização ocorre a reterritorialização.

São processos intimamente ligados na mobilidade de força de trabalho. No primeiro, há a perda do território inicialmente apropriado e construído, “a superação dos limites, das fronteiras”, [...] e no segundo, uma reprodução de elementos do território anterior, em algumas de suas características. O *velho* é recriado no *novo*, num movimento concomitante de descontinuidade e continuidade, de superações. Os processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R) não estão desligados: condicionam-se mutuamente. A territorialização está na desterritorialização, e vice-versa; são concomitantes e estão articuladas (SAQUET, 2009, p. 214).

Neste sentido, a desterritorialização nunca é total ou desvinculada dos processos de reterritorialização.

No caso em estudo, os alemães que vieram para Teófilo Otoni já viviam uma situação em que o acesso e ou delimitação da terra, enquanto forma de sobrevivência já era insolvente e esse território, na sua dimensão física, dominado espacialmente, como também eram os homens e as relações sociais que ali se estabeleciam e assim sendo, esses imigrantes eram dominados e/ou controlados politicamente tanto da sua partida, como na sua chegada ao Brasil.

Em meio às dificuldades decorrentes da paisagem desconhecida, estabeleceram relações sociais e, mesmo tendo perdido importantes elementos da vida cotidiana, buscaram reproduzir as identidades e tradições no novo espaço

através da sustentação de práticas culturais compartilhadas, de outro modo, buscaram reproduzir as referencialidades de espaço (territorial e/ou cultural), perdidas com a migração.

Como afirma Haesbaert (2005), em seu sentido reterritorializador, a identidade não é simplesmente um transplante da identidade de origem, mas assume força entre os grupos de migrantes, sendo portanto responsável pela coesão desses grupos. A construção de territorialidades ocorre a partir da apropriação simbólica e política de um espaço geográfico, e assim sendo, constitui-se uma construção social, um processo de negociação entre diferentes sujeitos.

A próxima seção tem por objetivo apresentar a construção das territorialidades no processo de formação de Teófilo Otoni, e assim sendo, faz-se necessário ressaltar que os discursos e os contextos históricos em que são produzidos assumem relevância para o estudo das relações sociais e identidades representadas discursivamente na história e nos relatos dos sujeitos desta pesquisa.

4. 2 FRAGMENTOS DAS TERRITORIALIDADES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO DE TEÓFILO OTONI

A formação do território geográfico de Teófilo Otoni envolve necessariamente desde as relações políticas do seu fundador, Teófilo Benedito Otoni, que, como alguns liberais da época, defendiam a livre economia de mercado, até a fundação da Companhia do Mucuri (1851) e a fundação da cidade de Filadélfia (1853).

Segundo Weyrauch (1997), Teófilo Benedito Otoni defendia a livre economia de mercado, já que acreditava que o atraso das províncias decorria da centralização exercida pelo governo imperial, o que o tornava um político extremamente polêmico.

Keim (2012) referindo-se ao fundador confere-lhe as características de um político inteligente, corajoso e excelente estrategista. Entretanto, acrescenta a autora, esse perfil custou-lhe perseguições políticas, já que ele “não estava disposto a se calar, se contradizer e nem aceitar o que lhe fosse imposto sem revidar...” (KEIM, 2012, p.69).

Tanto as informações orais como os livros de historiadores locais trazem a história da fundação da Companhia do Mucuri (1851) associada ao ideal de Teófilo Benedito Otoni de promover o desenvolvimento da região através do incentivo à agricultura e ao comércio. Assim, para alcançá-lo, seria necessário o povoamento da região e, sobretudo, a abertura de estradas que ligariam a região aos portos do Atlântico.

Após a organização da Companhia (1851) é fundada a cidade de Filadélfia (1853), a atual Teófilo Otoni, sendo nesse mesmo ano realizada a celebração de um contrato com a firma Schlobach e Morgenstern para a vinda de dois mil agricultores alemães (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993; WEYRAUCH, 1997; KEIM, 2012).

A chegada desses imigrantes, bem como a distribuição em áreas rurais ou urbanas já foram tratadas no capítulo anterior, entretanto, faz-se necessário abordar as relações sociais que configuraram o território e apresentar o contexto em que os discursos dos descendentes de imigrantes alemães estão inseridos.

Haesbaert (2005) afirma que um dos elementos centrais do processo de desterritorialização é a perda de um território no seu sentido simbólico e cultural, já que “destituído de seu lugar e de suas paisagens de origem, ele se vê também destituído de valores, símbolos, que ajudavam na construção de sua identidade” (Haesbaert, 2005, p.37). Conforme já exposto, a paisagem natural, fauna, flora, topografia, clima, alimentação tudo provocava o estranhamento dos alemães.

Foi um trabalho de adaptação... tudo foi estranho para eles ... porque lá na Alemanha eles...o cultivo era de determinadas culturas que tinha aquele regime de inverno rigoroso ... quando chega aqui... uma coisa que eles estranharam demais foi o calor... porque aqui... eh... uma estratégia também que foi usada foi que a chegada deles aqui em julho ... que é uma época mais fresca... se tivesse chegada em dezembro, janeiro, teria sido terrível(...) Relato Oral – sujeito 1, 70 anos.

Segundo Seyfert (2011), o desenvolvimento dos projetos de colonização se caracterizou pela desorganização decorrente da falta de recursos públicos para os assentamentos, o que favoreceu o fortalecimento da organização comunitária que, por sua vez, fortaleceu a ideia de pertencimento a uma unidade, um sentido de identidade coletiva, reforçada pela crença da origem comum.

Apesar das decepções, as dificuldades encontradas foram enfrentadas e vencidas com coragem

Olha ... eles vieram com tAnta vontade de trabalhar ... de plantar e de colher que eu acredito que eles ... se adaptaram logo a essas dificuldades de tipo de solo ... de plantio:: o que plantar ... a colheita ... devia ser tudo muito complicado... porque era tudo diferente né... lá eles cultivavam a batata ingle::as ... aqui foi batata doce ... era o feijão:: o arroz o milho ... eles chegaram a plantar trigo aqui ... plantaram trigo, cevada, e como a bebida que eles mais gostavam era a cerveja ... eles chegaram a fabricar cerveja(...). Relato Oral – Sujeito 1, 70 anos.

Os relatos são permeados pelas descrições de trabalho duro ‘uma lida diária’ e enfrentamento de adversidades de toda ordem.

E ... quando eles veio aqui ... ele veio com o pai dele e a mãe ... que aqui era mata bruta ... viviam só negócio de índio:: cO:bra e Onça. E agora eles assim é...é...Era tudo fechado né. Vó contava assim que um parente né, recebeu umas flechadas de índio (...) Relato Oral – Sujeito 3, 82 anos.

Como já apresentado, os imigrantes alemães trazidos para a “Nova Filadélfia” formavam dois grupos sociais distintos; tendo o primeiro se dedicado à agricultura, residindo fora do núcleo urbano; e o segundo, formado por oficiais (artesãos) e comerciantes, que se concentravam na área urbana desenhada pela Companhia do Mucuri. Tal configuração social demarca níveis de relações de poder, cabendo ainda destacar os que para o Mucuri vieram com recursos próprios. Assim, é preciso considerar esses diferentes lugares assumidos pelos atores sociais representados nessa pesquisa.

Rothe (1956) afirma que antes mesmo das levas organizadas de imigrantes, o engenheiro Schlobabh e Otto Voigt, auxiliares de Teófilo Benedito Otoni aportaram na região em 1853. Weyrauch (1997) acrescenta que muitos vieram por conta própria, desobrigados de compromissos com a Companhia do Mucuri, tendo esses, “condições muito especiais”. Assim, a região foi atrativa tanto para imigração organizada, predominantemente alemã, tanto para outros que pretendiam aqui iniciar uma nova vida.

Os imigrantes que se estabeleceram no Mucuri “em condições especiais”, de outro modo, privilegiados socialmente, conviviam e buscavam contrair matrimônio com brasileiros.

Os Hermes, em situação privilegiada, fossem eles brasileiros ou alemães, distanciavam intencionalmente – segundo fazem ver os relatos – dos pobres colonos norte-europeus chegados com a missão de povoar o Mucuri. Donos de fazendas ou comerciantes, os alemães ali previamente estabelecidos

afinavam-se mais com o modo de vida levado pelos brasileiros de religião católica, do que com os seus conterrâneos, os colonos povoadores de Nova Filadélfia (WEYRAUCH, 1997, P.92)

A autora ainda acrescenta que muitos se empenharam em casar-se com mulheres brasileiras originárias de famílias da elite local, adaptando-se, sem restrições, à situação de grandes proprietários de terra e escravos. Dessa forma, também se distanciavam da Comunidade Evangélica Luterana de Filadélfia, integrada, em sua maioria pelos colonos pobres de origem germânica (WEYRAUCH, 1997).

Já para os colonos que residiam na zona rural, predominantemente Luteranos, o isolamento e a dificuldade de comunicação no interior das grotas, com elementos estranhos aos grupos, fizeram com que buscassem os seus cônjuges entre os vizinhos, já que essa seria uma forma de estimular os laços de solidariedade, ajuda mútua e trabalho coletivo, conforme mostra o depoimento de uma entrevistada. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993)

Nós conheceu porque era vizinho, porque um ajudava o outro. Meu pai precisava de uma coisa de homem e chamava meu marido também para ajudar. E assim a gente ficou conhecendo. (Trecho de entrevista, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993, p.97)

Um aspecto que merece destaque no que tange aos casamentos entre colonos é que se entre os imigrantes alemães de maior prestígio social buscava-se o estabelecimentos de vínculos matrimoniais com brasileiros(as), por outro, valorizava-se “os cônjuges alemães e seus descendentes com uma endogamia que pode ser tanto de parentesco quanto de lugar”, entretanto, nesse contexto, os holandeses, suíços, entre outros, e seus descendentes passam a ser considerados enquanto alemães, portanto, casáveis, sofrendo um processo de “germanização” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993).

SCHLUPP, (1983, p.63) afirma que “Não se pode separar a história da colonização alemã nesta região, da colonização por famílias dos países vizinhos da Alemanha: a Suíça, a Áustria, a Holanda e etc.”. Assim, o contato da comunidade alemã com outras comunidades intensifica a reafirmação étnica, uma vez que o uso do alemão constituiu-se o elemento de distinção preferencial.

*Todos eram chamados de alemães... os bElgas, holandeses ... tudo era alemão... mas isso aí o elo foi a língua...a:: dificuldade de comunicação... então eles começaram a se comunicar porque eles todos sabiam mais ou menos e era uma língua mais parecida e como a maior número eram alemães então a língua era o elo de ligação e depois ... o principal talvE::z foi o Pastor Hollerbach que chegou ... ele também era alemão... embora ele falasse outras línguas ... ele falava inclusive o francês, mas a comunicação ... os cultos ... porque a religião também foi um elo... então::: eu acredito que foi isso aí ... a presença do Pastor Hollerbach que vamos dizer assl:::m que reforçou essa::: germanização no vale do Mucuri(...).
Relato Oral - Sujeito 1, 70 anos.*

O geógrafo tropicalista Joel Bonnemaison (2002), em Viagem em Torno do Território, traz como escopo a ideia de que o território se define como o derivado carnal da cultura, já que é por ela que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço.

Para este autor, “toda cultura se encarna, para além de um discurso, em uma forma de territorialidade” ressaltando que

... a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação cultural vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território (BONNEMAISON, 2002, p. 97).

Para Seyfert (2000, p.148), “a localização de imigrantes de uma mesma origem nacional em áreas circunscritas facilitou uma organização comunitária étnica e a manutenção do uso cotidiano da língua materna”. Assim, mesmo no convívio com imigrantes de outras etnias, a afirmação da origem nacional, do vínculo com uma pátria ancestral, a história compartilhada entre os imigrantes, especialmente as que remetem à vivência do pioneirismo favoreceu o fortalecimento de uma identidade étnica teuto-brasileira. Todos esses fatores fortaleceram o sentimento de pertencimento a uma unidade, um sentido de identidade coletiva marcada historicamente no território de Teófilo Otoni pela organização religiosa e pela escola, que fomentaram e sustentaram a germanidade entre os seus descendentes.

Nos relatos dos descendentes, pode-se notar a importância da religião e da educação, aspectos destacados nas figuras dos pastores que por aqui se estabeleceram.

(...) o que é mais marcante... da cultura alemã aqui... ah... é a religião. Porque:: aí nós temos duas igrejas evangélicas luteranas ... uma religião trazida da Alemanha

da reforma de Martin Lutero e:: trouxe então... e uma das coisas que eles carregaram e preservaram e que ajudou muito foi a bíblia e os hinários... então e::u acredito que a religião ... é tem sido preservada e tanto que nós temos as duas igrejas luteranas e a festa mais tradicional dos alemães é a festa da colheita, da igreja(...) Relato Oral – Sujeito 9, 76 anos.

Outra coisa que é também muito relevante para os descendentes de alemães é a educação ... tAnto que o pastor Hollerba::ch foi talvez o educador que mais tempo trabalhou aqui:: ... assim ... educando pessoas não só da descendência alemã ... mas todos que se aproximavam dele ... tAnto que o avô do nosso ex governador Aécio Neves estudou na escola do Pastor Hollerbach ... já não era o Pastor Hollerbach ... mas tinha aquele princípio:: ... aquele fi::o de educação alemã deixado pelo pastor Hollerbach(...). Relato Oral, Sujeito 1, 70 anos.

Muito próximo tanto aos colonos do campo como aos da cidade, o pastor João Leonardo Hollerbach foi considerado um “símbolo de humanidade cristã, abnegação e coragem” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993). Durante os 37 anos que serviu à região, seu trabalho não se limitava à religião, mas também de assistência social junto às comunidades locais.

Hollerbach era tido como um líder religioso da Comunidade Evangélica Luterana de Nova Filadélfia, professor, médico e árbitro de questões internas ao grupo. Tinha como preocupação maior os imigrantes que, embrenhados na mata, estavam expostos não só ao infortúnio material, mas também aos riscos da dissolução cultural e “espiritual”: embrutecimento, casamentos irregulares, perda de rotina religiosa. Segundo Weyrauch (1997, p.96), “alguns imigrantes, originariamente pertencentes a outros credos, por força da situação de desamparo a que se viam reduzidos, converteram-se ao luteranismo”.

Assim, no processo de colonização alemã no Vale do Mucuri, a religião foi outro fator que favoreceu a reterritorialização dos imigrantes, já que a Bíblia de Lutero era lida por todos os alemães, o que os unia em torno de uma mesma crença e uma mesma língua (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1993).

Oh:: minha filha:: primeiro a educação ... segmento de religião que foi a minha ... e::u nasci Luterana, batizei Luterana, confirmei Luterana, sou Luterana até hoje e morrerei Luterana ... são valor que a gente apega a Cristo ... nem todos ... uns falam que eu sou evangélica pode ser ... errar todos nós erramos ... mas eu me sinto assim satisfeita que sou fillha de Alemão ... minha mãe descendente ... e foi tudo com harmonia ...eh ... minha filha... tudo o que eu aprendi do meu pai eu passei prá ela também(...) Relato Oral – Sujeito 2, 88 anos.

Entretanto, se por um lado a reunião em torno da Igreja Evangélica Luterana representava uma memória cultural religiosa germano protestante, por outro marcava diferenças culturais e sociais. Para Weyrauch, “a diferença cultural encarnada pelos alemães imigrantes era tanto mais acentuada quanto mais inadaptados e vulneráveis se mostrassem aos hábitos da terra, o que era corriqueiro entre os camponeses da colônia” (1997, p.97).

A mesma autora ressalta ainda o aspecto paradoxal da Igreja, mostrando que seria a igreja, por princípio, o lugar onde as relações pessoais/coletivas deveriam expressar a existência de um espírito comunitário regido pelo cânone da igualdade, entretanto era nela que as diferenças sociais entre os colonos alemães de Nova Filadélfia eram evidenciadas (WEYRAUCH, 1997, p.98). Weyrauch (1997) mostra como os alemães da roça eram rejeitados, citando uma fala do relato de D. Eugênia Schroeder, descendente do banqueiro Schroeder, rico alemão que vivia na região em situação privilegiada, sem confundir-se com os colonos.

“Vovó não ia à Igreja para não se misturar com os colonos” (Eugênia Schroeder, REL. Ic, apud WEYRAUCH, 1997, p.98).

À parte, sem integrar-se à comunidade, os fazendeiros alemães desfrutavam de uma vida completamente afastada dos princípios morais da comunidade luterana, cujos pilares eram trabalho, moralidade e disciplina (WEYRAUCH, 1997, p.101).

Weyrauch (1997) acrescenta que a demarcação dos espaços sociais não se limitava à extensão de terras. Segundo a autora

Os fazendeiros ligados à igreja católica e os colonos reunidos em torno da igreja luterana regulavam estes últimos suas vidas por princípios nos quais a relação do homem com o trabalho ocupava um lugar central. Enquanto os católicos, em sua maioria, desprezavam o trabalho como “coisa de escravo”, os luteranos o elevavam a uma categoria próxima ao sagrado¹². Consideravam-no fator de engrandecimento da condição humana, como um canal de ligação do homem com Deus (WEYRAUCH, 1997, p.103).

Na organização social da cidade, percebem-se como no território as relações sociais se materializam e se reproduzem em movimentos desiguais, contraditórios e conflituosos. Assim, pode-se constatar o quanto que a identidade é um componente

¹² Grifo meu.

fundamental na constituição do território, uma vez que resulta da combinação dos processos histórico e social. Sendo assim, como mostra Saquet (2010), os territórios e as territorialidades

[...] são vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações. Homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas e religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; (i)materialidade (SAQUET, 2010, p.25).

Eugênia Schroeder, neta de Carolina Veloso Schroeder, ao falar sobre as festas que antigamente se realizavam nas casas das famílias, comentou de passagem que os Laender, no início, não as frequentavam, “porque eram pobres” (WEYRAUCH, 1997, p.103).

Segundo Weyrauch (1997), a fala acima sugere que os Laender, além de não terem o prestígio social junto à elite local, como aqueles introduzidos por importantes famílias brasileiras, mesmo sendo costureiras da elite, desenvolviam trabalhos com as mãos, como faziam os colonos, o que as impediam de ter acesso às festas da elite local.

Nessa direção, faz-se necessário ressaltar que os relatos representam diferentes lugares sociais, e “[...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Weyrauch (1997) chama a atenção para as diferentes representações do mar trazidas pelas mulheres residentes no meio rural e as que residiam na cidade, destacando que as crianças “da roça” não tiveram as mesmas condições de conservar as histórias ouvidas na infância. Segundo a autora, “o isolamento em que viviam e as suas duras rotinas de sobrevivência não lhes permitiam enriquecê-las e, por vezes, sequer guardá-las” (WEYRAUCH, 1997, p. 120).

Isso pôde ser observado também nos relatos orais colhidos para esta pesquisa.

Meu pai falava muito pouco sobre isso, né... ah::: isso também eu não sei explicar ... porque ele achava que... não sei ... eu acho que ele achava assim que aquilo não interessava a família ficar sabendo né ... e no fim ... eu acho que seria uma coisa até boa a família ficasse sabendo né? Da parte da minha mãe::e também meus avós já veio de lá né ... também não conhece ninguém ... eh:: também ela não comentava pra gente ficar sabendo (...). Relato Oral – Sujeito 5, 72 anos.

Esses diferentes lugares sociais são também representados por meio das falas que se referem ao papel da mulher com relação ao trabalho. Nos fragmentos abaixo, percebem-se os diferentes lugares sociais representados.

Eu me lembro que mãe contava que ela ia pra um cafezal enO:rme ... então ... que ia colher café eh... levava a criancinha ... mãe mesmo foi né? Ai ... tinha uma tuia... tipo um balaio né ... ai ... forrAva a tuia e enquanto elas colhiam o café as crianças ficavam na tuia... e... quando chorava ... ia lá amamentar e voltava de novo. Isso é a vida assim, de mUlto trabalho mesmo ... que eles falava lavoura né ... e não tinham vergonha de fazer nada assim. Era pegar pesado. Eu me lembro que vó falava assim eh... não importa se você vai limpar uma latrina ou trabalhar numa loja ... é honra ... o trabalho é a mesma coisa ... a mesma dedicação que você vai fazer um, você deve fazer o outro (...). Relato Oral – Sujeito 4, 76 anos.

Os Alemão era um povo mais sistemático né ... eles não gostavam... os mais antigos não misturava muito com os pretos né ... que tinha... a minha mãe toda vida precisava de camarada né ... mas a minha mãe sempre tinha assim três, quatro na barraca ... eles morava no sitio ... precisava ter sempre precisava capinar o sitio o quintal, quintal só não ... ela plantava roça (...). Relato Oral – Sujeito 7, 83 anos.

Raffestin (1993, p.162) garante que “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações sociais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal”. Desse modo, a territorialidade, conforme o autor destaca, pode ser definida como um conjunto de relações que se originam de um sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, sendo a “soma” das relações mantidas por um sujeito com o seu meio.

Diante do exposto pode-se perceber que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis, se a imigração para o Brasil representou um processo de desterritorialização, a chegada à região foi desafiadora e exigiu desses imigrantes uma reprodução de elementos do território anterior – reterritorialização - através do desenvolvimento de técnicas para lidarem com o solo e a topografia, a produção dos lugares, a religião, de outro modo a dominação e apropriação do espaço natural.

Como afirma Raffestin (1988), o território é o resultado das várias territorializações e a territorialidade humana não é constituída apenas por relações com os territórios concretos, mas também por relações abstratas, como as línguas, a religião, costumes e crenças. Dessa forma, pode-se considerar territorialidade como o desenrolar das diferentes atividades cotidianas (trabalho, lazer, religião entre

outras), revelando as relações de indivíduos ou grupos sociais, de outro modo, a territorialidade é uma reprodução das relações sociais.

Assim sendo, é preciso considerar a chegada dos imigrantes alemães em Teófilo Otoni, já que era a legislação que estipulava a forma de pagamento e o título definitivo de propriedade podia demorar vários anos, além disso, os imigrantes não tinham qualquer controle sobre o processo. Eram simplesmente conduzidos às áreas coloniais, ou no caso de serem ‘qualificados’, eram estabelecidos na área urbana.

Tal controle já determinava o lugar social desses imigrantes e, portanto, as relações de trabalho e como já foi exposto, as relações sociais daqueles desobrigados de compromissos com a Companhia do Vale do Mucuri. Logo, pode-se perceber que o território incorpora o jogo do poder entre os atores que atuam num espaço e a territorialidade é construída a partir das diferentes relações sociais estabelecidas entre os indivíduos ou grupos sociais.

Ao mesmo tempo, a territorialidade pode ser identificada/perceptível no discurso como consequência dessas relações econômicas, políticas e culturais. Ou seja, a história da imigração alemã em Teófilo Otoni, representada em relatos dos descendentes por meio de seus discursos, manifestam diversos aspectos que contribuem para a compreensão, dentre outros elementos, das territorialidades existentes, bem como para a identificação de traços identitários referentes às crenças, valores e práticas culturais dos descendentes de alemães em Teófilo Otoni. Para tanto, a Análise de Discurso Crítica é apresentada no próximo capítulo por ser referencial teórico metodológico, e em seguida, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, bem como a análise dos relatos.

5 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a Análise de Discurso Crítica e alguns termos dessa teoria de análise discursiva de modo a articular os conceitos anteriormente trabalhados ao propósito central desta pesquisa que é a identificação de traços identitários representados nos relatos de descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni. É relevante considerar que o objeto estudado é o discurso e o trabalho considera a forma como as variedades discursivas são realizadas nas práticas sociais. De outro modo, ao se analisar discursivamente os relatos, consideram-se os aspectos sociais de representação do mundo e seus efeitos sobre a construção de identidades.

5.1 DISCURSO E PRÁTICA SOCIAL

A escolha da ADC (Análise de Discurso Crítica) se justifica na presente pesquisa por considerar o discurso enquanto uma prática social e as diversas práticas ajudam a revelar as identidades sociais. Sendo uma abordagem teórico-metodológica de estudo da linguagem na sociedade, a ADC mostra que, na relação entre a linguagem, a sociedade e as práticas sociais está pressuposto que todos os discursos são historicamente situados e, por isso, devem ser compreendidos em seus contextos, sendo estes elementos fundamentais para as análises na medida em que incluem explicitamente componentes sociais, psicológicos, políticos e ideológicos.

Entre as diferentes abordagens utilizadas por especialistas da área está a teoria social do discurso, desenvolvida por Norman Fairclough, para quem a maneira como o indivíduo fala ou escreve revela quem ele é, ou seja, a linguagem utilizada pelas pessoas em um determinado contexto de cultura e contexto social pode revelar as identidades dos indivíduos.

Nessa direção o autor entende que as análises textuais devem se preocupar em identificar traços linguísticos que permitam perceber os estilos ou o modo como o enunciador identifica a si mesmo e como identifica outras pessoas. Essa visão está

diretamente relacionada ao fato de o discurso ser socialmente influenciado e alçar efeitos ideológicos de forma a produzir e reproduzir relações de poder por meio da forma como as pessoas representam discursivamente coisas e posições sociais. (FAIRCLOUGH E WODAK (1997), FAIRCLOUGH, [1992] 2008).

Assim, o conceito de discurso aqui adotado, toma como referência a proposta de Fairclough (2001, p. 91):

Ao usar o termo 'discurso', proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação(...)Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Na citação acima, pode-se perceber que o autor aponta duas significações para discurso. Na primeira, tem-se “o uso da linguagem enquanto prática social”, e na segunda, como “modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular”. Assim sendo, o entendimento de discurso passa tanto pela abstração da linguagem enquanto práticas sociais, quanto pela concepção individual. Entretanto, inexistente imparcialidade no discurso, decorre dessa característica o caráter emancipatório da ADC.

Resende e Ramalho (2009) falam desse “caráter emancipatório” como aspectos determinantes da ADC. Segundo as autoras, “por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas de dominação(...)” (RESENDE E RAMALHO, 2009, p.111) Assim sendo, há de se ressaltar que a Análise de Discurso Crítica descortina verdades cristalizadas, revelando questões de poder e ideologias, assumindo então a função de discernir relações entre a linguagem e outros elementos da vida social.

Outro termo fundamental para a compreensão da ADC são as práticas discursivas. Para Fairclough (2008), estas são processos de produção, distribuição e consumo textual, sendo a natureza desses processos variável nos diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais. De outro modo, as práticas discursivas contribuem para reproduzir a sociedade como ela é, ou seja, identidades sociais, relações sociais e o sistema de conhecimento e crenças, mas também contribuem para sua transformação (FAIRCLOUGH,2008). É nessa perspectiva que a Análise

de Discurso Crítica é útil na análise dos relatos, já que as identidades sociais enquanto construções sociais são discursivas, ou seja, ao realizar o discurso o falante tanto constrói como mostra suas identidades e seus papéis

Chouliaraki e Fairclough (1999) relacionam a ADC aos estudos da Ciência Social Crítica e preconizam que “vida social e discurso constituem-se dialeticamente”, de outro modo, a vida social é feita de práticas e o discurso é pois, um dos elementos dessa prática. Decorre dessas relações a natureza interdisciplinar e interdiscursiva da Análise de Discurso Crítica uma vez que essa estabelece diálogo com a Linguística e a Semiótica e também a Teoria Social, que se preocupa com a teorização dos processos sociais e a articulação de mudanças (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH,1999; FAIRCLOUGH,2001).

Fairclough (2001) advoga que mais que interdisciplinar, a ADC assume um caráter transdisciplinar, até porque ela não apenas se utiliza de conhecimentos de outras áreas, como também produz conhecimento a partir dessa interdisciplinaridade.

Tais inter-relações se fundamentam em três pressupostos que se constituem as bases teóricas da Análise de Discurso Crítica. O aspecto crítico da ADC tem sua origem no Marxismo Ocidental, que enfatiza aspectos culturais da vida social ao entender que as relações de dominação e exploração são determinadas e perpetuadas cultural e ideologicamente (FAIRCLOUGH, 2001).

Além do Marxismo Ocidental, os trabalhos de Michael Foucault também influenciaram a ADC. Para esse cientista, o poder é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas, assim sendo, os discursos são sistemas de conhecimento que incorporam o poder, e em maior ou menor grau, podem servir para regular a sociedade, pois regulam o conhecimento disponível (FOUCAULT, 1997).

Foucault (2001, p.10), afirma que “analisar discursos corresponde a especificar sociohistoricamente as formações discursivas interdependentes, os sistemas de regras que possibilitam a ocorrência de certos enunciados em determinados tempos, lugares e instituições”.

Para Resende e Ramalho,

Foucault (1997) contribui, por um lado para o estabelecimento do vínculo entre discurso e poder, por outro, para a noção de que mudanças em práticas discursivas, a exemplo do aprimoramento das técnicas de vigilância, são um indicativo de mudança social (RESENDE E RAMALHO, 2009, p.20)

Por fim, outra influência na ADC é o trabalho de Bakhtin (1929), o primeiro a propor uma teoria linguística de ideologia, segundo a qual a linguagem é sempre usada de forma ideológica. Segundo Rezende e Ramalho (2009), além da concepção de linguagem como modo de interação verbal, o trabalho de Bakhtin apresenta conceitos basilares da ADC, como por exemplo os gêneros discursivos e o dialogismo.

Bakhtin (1979, p.284), afirma que “os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis do ponto de vista temático, composicional e estilístico, que refletem a esfera social em que são gerados”. O autor apresenta uma visão dialógica e polifônica da linguagem, segundo a qual os discursos sempre dialogam com outros discursos, assim sendo, respondem a discursos anteriores e antecipam discursos posteriores de variadas formas (BAKHTIN,1979, p.284).

A noção de polifonia tratada por Bakhtin (1997) acrescida da noção de gênero enquanto prática social muito colaboraram para a retextualização da Linguística Sistêmica Funcional na Análise do Discurso Crítica, já que segundo Fairclough (2003a), há uma correspondência entre ação e gênero, representação e discurso, identificação e estilos.

Esse cientista também contribuiu para a construção do enquadre proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e mais tarde, o modelo analítico para a Análise de Discurso Crítica (Fairclough,2001).

Rezende e Ramalho (2009, p. 36) afirmam que o enquadre proposto de ADC de Chouliaraki e Fairclough (1999) tem como objetivo “a reflexão sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social”. De outro modo, a ADC reconhece a dialética entre discurso e as práticas sociais, investigando como as ideologias são produzidas e reproduzidas pelos atores sociais nos discursos.

Nesse enquadre, a análise não parte da simples intenção de se analisar a linguagem; não se trata da análise pela análise. Coerente com o objetivo crítico de produção de conhecimento, a análise parte de um problema social e da identificação dos possíveis obstáculos sociais que contribuem para o estabelecimento do problema. Nesse processo, faz-se necessário a contextualização do meio social, as conjecturas (Chouliaraki e Fairclough 1999), ou seja as práticas sociais nas quais o problema está inserido, como também a relação dialética entre a linguagem e os demais elementos presentes na prática em questão, envolvendo para tanto as relações e processos sociais onde figuram as identidades sociais, as questões de poder e as instituições e também os fenômenos mentais, como valores e crenças.

Assim, ao se buscar o contexto político da imigração alemã para o Brasil, e de modo especial para Teófilo Otoni, bem como descrever as relações sociais, políticas e culturais na formação do território, buscou-se o contexto em que os discursos de relatos estão inseridos, o que é essencial para a análise das representações discursivas que revelam traços identitários relativos às crenças, valores e cultura teuto-brasileira dos descendentes residentes em Teófilo Otoni.

Ao mesmo tempo, no presente trabalho, compreender os relatos de memória pela ADC é um movimento importante de tomar uma visão crítica ao processo da migração, não considerando memória simplesmente como lembrança, mas como ressignificação do olhar dos descendentes para essa vinda num contexto social de ampla mudança para os que aqui chegaram e reinventaram o território da Filadélfia, observado hoje pelo olhar dos descendentes.

Para tal análise, considerou-se a ampliação teórica entre a Análise de Discurso Crítica e a Linguística Sistêmica Funcional proposta por Fairclough (2003), na qual o autor apresenta os significados acional, identificacional e representacional como uma recontextualização das funções ideacional, interpessoal e textual (Halliday, 1991). Nesse sentido, considera-se a análise discursiva como um nível intermediário e de diálogo entre o texto e o seu contexto social.

Para tal consideração, Fairclough (2003 a) advoga que cada prática social produz e utiliza gêneros discursivos, que por sua vez articulam estilos e discursos relativamente estáveis em contextos sociohistóricos e culturais. Dessa forma os discursos constituem parte dos recursos com que as pessoas se posicionam no relacionamento, umas com as outras – mantendo-se separadas, cooperando, competindo, dominando.

Neste significado, o acional, o estudo voltado aos gêneros focaliza a análise de como o texto se manifesta na (inter)ação social, de outro modo, os gêneros são definidos pelas práticas sociais a eles relacionados. Analisar discursivamente as falas, nesse significado, implica a análise do controle entre o que pode ser usado e em que ordem, de outro modo, pode-se, na categoria intertextualidade, questionar as narrativas dos descendentes, que carregam a percepção de vozes incluídas ou excluídas, ou mesmo as relações que se estabelecem entre as vozes harmônicas e ou de tensão presentes nos relatos.

No significado representacional de textos, consideram-se as diferentes representações de mundo que se presentificam nos discursos, de outro modo, busca-se identificar no discurso as diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem das suas posições e das relações que estabelecem com outras pessoas.

Para Fairclough (2003), um texto pode misturar diferentes discursos, os quais podem se complementar, podem cooperar uns com os outros, competir uns com os outros, dominar os outros. Assim, são estabelecidas relações dialógicas e/ou polêmicas pelos textos entre seus 'próprios' discursos e os discursos dos outros (FAIRCLOUGH, 2003, p. 128). Nesse sentido, a análise das falas busca identificar os atores sociais representados no discurso, o que possibilita a identificação de posicionamentos ideológicos em relação a eles e as suas atividades e o desvelamento de ideologias em textos e interações.

Quanto ao significado identificacional, Fairclough (2003) relaciona-o diretamente ao conceito de estilo, que corresponde ao aspecto discursivo das identidades, dos modos de ser. Ele considera que o que as pessoas colocam nos textos é um importante indício de como se autoidentificam na 'texturização' das identidades. Nesse sentido, esse autor entende que as análises textuais devem se preocupar em identificar traços linguísticos que permitam perceber estilos ou o modo como o enunciador identifica a si mesmo e como identifica outras pessoas. Os processos de identificação envolvem, portanto, efeitos constitutivos do discurso (Fairclough, 2003) e devem ser vistos como processos dialéticos nos quais os discursos estão assimilados pelas identidades.

Para Fairclough (2008), as instâncias de uso da linguagem, em textos escritos ou orais são realizadas pelas ordens do discurso, compreendidas como a combinação de gênero, discurso e estilo, que constituem aspectos discursivos das

redes de práticas sociais. Dessa forma, as ordens do discurso podem revelar três diferentes processos: o de identificação, o de representação e o de ação.

Como o objetivo da presente pesquisa é identificar traços identitários nos relatos do grupo de descendentes de imigrantes alemães, busca-se estabelecer relações entre o significado identificacional do discurso e a construção de identidades, bem como o significado representacional do discurso e a representação de atores sociais. Na próxima seção, será apresentado o percurso metodológico da pesquisa, quando também serão apontadas as categorias de análise utilizadas.

5.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando que a presente pesquisa teve como principal objetivo a identificação de traços identitários relativos às crenças, práticas culturais e aos valores representados discursivamente no relato de descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni-MG, buscou-se a abordagem qualitativa, uma vez que se trabalhou com o universo de significados, crenças e valores representados discursivamente nos relatos dos entrevistados, sendo foco desta dissertação o significado trazido por essas pessoas por meio das suas escolhas discursivas. Cabe ainda destacar o viés etnográfico, já que o compartilhamento de crenças entre pessoas de um mesmo grupo pode revelar traços que rememoram identidades culturais, o que permite que os indivíduos sintam-se pertencentes ou não a um dado agrupamento social.

Segundo Triviños (1987, p.121), “a etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade”. Pode-se também dizer que a etnografia é um processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar, o estilo de vida ou padrões específicos de uma determinada cultura construída a partir de vivências cotidianas que retomam ou recriam o cotidiano e o ser e fazer teuto-brasileiro. O estudo exigiu a minha participação ativa, enquanto pessoa imersa no território estudado e a observação a partir das visitas às festas e eventos reconhecidamente ‘alemães’, registros de falas e depoimentos que se referem a símbolos culturais compartilhados, enfim, a observação dos traços das práticas

culturais teuto-brasileiras reinventadas no território.

Cabe ainda considerar que, por se tratar de idosos, que de certa forma são mais fechados às pessoas de fora das suas comunidades, busquei fazer as primeiras visitas acompanhada por familiares ou pessoas próximas às famílias. Somente a partir do segundo, ou terceiro contato, senti mais receptividade e até mesmo alegria em me receber para falar das suas histórias. Nesses casos, houve mais interação, maior número de visitas e maior envolvimento com os afazeres cotidianos que estavam diretamente ligados às práticas culturais teuto-brasileiras.

Assim, os sujeitos da pesquisa são dez descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni- MG, foram, portanto coletados dez relatos orais, sendo cinco em profundidade.

Os relatos orais possibilitam aos sujeitos relembrar situações vivenciadas no passado. São construídos a partir da experiência e memória que cada um tem de fatos, valores, crenças e costumes. Assim sendo, todo relato é baseado na experiência vivida de um ator social que, com base nessa experiência, emite ou relata suas perspectivas e sensações em relação a um determinado fato social (SIQUEIRA, 2005). Nos relatos orais, o informante recorre à sua memória do vivido na coletividade. Isto significa que a memória individual está também inserida no coletivo.

Sobre o percurso, vale destacar as etapas desta pesquisa. Primeiramente foi realizada uma pesquisa exploratória na qual foi identificada uma descendente que parecia ser 'representante-arquivo'¹³. Tal denominação se deve ao fato de essa pessoa ser a indicada por todos com quem se conversava sobre o processo histórico da colonização alemã em Teófilo Otoni. Ela pareceu ser, para todos os descendentes, a pessoa autorizada a falar pelos descendentes de alemães em Teófilo Otoni. Depois desse contato determinei como seria delimitado o meu corpus.

O critério de inclusão utilizado para delimitação foi os descendentes que vivenciaram, ainda que na infância ou adolescência, o período da segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) .

Tal critério se deve ao fato de que no processo de instalação dos imigrantes na região, tem-se que as crianças foram as responsáveis pela interação entre imigrantes de diferentes etnias e os moradores locais, devido à facilidade de

¹³ Esta é o sujeito 1 da pesquisa, pessoa que desenvolve estudos sobre a imigração alemã e representa a comunidade de descendentes nos eventos nacionais.

apreensão da outra língua (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO,1993), mas em casa eram proibidas de utilizarem outra língua que não fosse o alemão. Entretanto, no período da segunda guerra, por volta de 1942, houve muitas perseguições aos alemães que habitavam a região estudada. Nesse período, segundo relato de um descendente, quando uma criança usava uma palavra do léxico alemão, apanhava na boca, o que sugere que essa geração tenha vivido também um momento de apagamento, o que pode ter interferido na manutenção ou construção de traços identitários dos descendentes de imigrantes alemães em Teófilo Otoni.

Cabe ressaltar que não se delimitou o universo da pesquisa em gerações em função da imigração em Teófilo Otoni e região ser dispersa, tendo, segundo a FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, um espaço de aproximadamente sessenta e seis anos entre a primeira,1856 e a terceira leva, 1922.

Considerando que “ cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo ...” (HALBWACHS, 1990, p. 51), de outro modo, os diferentes contextos sociais fazem com que os indivíduos se envolvam e se posicionem de acordo com o campo social em que está inserido, faz-se necessária a apresentação do perfil dos sujeitos participantes desta pesquisa. Primeiro porque, como já exposto, houve diferenças significativas no processo de territorialização, que marcavam posições sociais dos sujeitos e as relações entre os nativos brasileiros e os imigrantes. Decorre daí a categorização “tipo de imigração”.

Na classificação 1, tem-se aqueles que vieram patrocinados pela companhia e foram dirigidos à zona rural, a classificação 2 se refere aos imigrantes também patrocinados, mas que se estabeleceram na zona urbana por serem qualificados e a terceira classificação se refere àqueles que vieram espontaneamente, ocupando lugar de prestígio social.

Apesar de não ser o foco da pesquisa, busquei observar se o nível de escolaridade teria alguma relação com o tipo de imigração. De certa forma, pode-se sugerir que de fato os descendentes de imigrantes do grupo 1 tiveram menos acesso à educação.

Na figura 6, pode-se perceber o motivo de não ter sido possível a delimitação do corpus nem pela idade, nem pelo grau de parentesco.

Sujeitos da pesquisa	Sexo	Idade	Grau de parentesco com os imigrantes	Tipo de imigração	Escolaridade
Sujeito 1	F	70 anos	bisneta	Imigração 1 e 2	sim
Sujeito 2	F	88 anos	filha	Imigração 1	não
Sujeito 3	F	82 anos	filha	Imigração 3	não
Sujeito 4	F	76 anos	neta	Imigração 1	não
Sujeito 5	F	72 anos	bisneta	Imigração 1	não
Sujeito 6	M	88 anos	neto	Imigração 1	não
Sujeito 7	F	83 anos	bisneta	Imigração 3	não
Sujeito 8	F	67 anos	bisneta	Imigração 2	sim
Sujeito 9	F	76 anos	neta	Imigração 2	não
Sujeito 10	F	72 anos	bisneta	Imigração 3	sim

Fig.6 Perfil dos informantes

Imigração 1 – patrocinada rural
 Imigração 2 – patrocinada urbana
 Imigração 3- espontânea

Considerando o critério de inclusão utilizado para formação do *corpus*, pode-se perceber que os relatores seriam pessoas mais idosas. No percurso da pesquisa, alguns informantes com quem foi feito o primeiro contato vieram a óbito (2) e outra, por perdas sofridas na família, recusou-se a continuar no trabalho. Tudo isso de certa forma limitou o grupo de informantes, o que também determinou que a abordagem contemplada seria o estudo de caso.

Wallace (1998) caracteriza o estudo de caso como uma pesquisa concentrada em “um foco específico, [...] mais acessível”, que traz um caráter mais humano dos resultados, pois produz ou gera mais interesse humano, diferente do aspecto generalizável que as pesquisas estatísticas trazem.

Dessa forma, buscou-se nos relatos de descendentes de alemães de Teófilo Otoni compreender como os indivíduos desse grupo representam no discursivo suas práticas culturais, crenças e valores por meio da memória, um conjunto de escolhas eleitas para reivindicar a condição de descendência no território investigado.

O diálogo entre os Estudos Linguísticos e as Ciências Sociais constitui-se um importante procedimento teórico-metodológico, na medida em que os modos como são construídos os discursos, enquanto prática social historicamente situada, integra os dizeres aos seus contextos sócio-históricos. Desse modo, o discurso é considerado uma prática de significação de mundo e a linguagem é compreendida como sendo dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social.

Os três elementos da ordem do discurso que também são entendidos como três tipos de significados do discurso (Fairclough, 2003) já foram abordados na seção anterior. Assim cabe destacar as categorias de análise utilizadas a partir dos significados representacional e identificacional.

Como o foco deste trabalho é a identificação de traços identitários relativos a crenças, valores e cultura representados discursivamente nos relatos de memória de um grupo descendentes de imigrantes alemães, o enfoque é dado ao significado identificacional, que está relacionado ao estilo, aspectos discursivos do modo de falar de uma pessoa, que revelam seu modo de ser, suas identidades. Duas categorias relacionadas ao significado identificacional que são úteis especialmente para a análise a que proponho realizar é a avaliação e a modalidade.

Segundo Fairclough (2003), a modalidade e a avaliação dizem respeito a como os autores se comprometem com eles mesmos em relação ao que é verdade e ao que é necessário (modalidade) e, ainda, em relação ao que é desejável ou não, bom ou ruim (avaliação). As duas categorias são vistas em termos do comprometimento dos autores com o que é dito no texto, da sua avaliação sobre a validade ou verdade do que é declarado (modalidade), das atitudes, emoções, valores e julgamentos expressos, como ser desejável ou indesejável.

No significado representacional, busca-se a identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados, a interdiscursividade. Nessa categoria, analisa-se, por meio dos temas centrais das falas, “a identificação de que partes do mundo são representadas”, bem como a identificação da perspectiva particular, ou seja, o modo como os atores sociais podem ser representados. Para Resende e Ramalho (2009), “as relações estabelecidas entre os diferentes discursos podem ser de diversos tipos (...) porque os discursos são recursos utilizados por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando”. De outro modo, por meio das escolhas feitas pelos descendentes participantes desta pesquisa, pôde-se perceber ‘que parte do mundo’ está representada no discurso, ou seja, de que lugar social ele fala e, pelas escolhas vocabulares, ou maneiras particulares de dizer, revelam as representações de diferentes atores sociais.

5.3 RELATOS DO APREENDIDO E DO VIVIDO: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DOS/NOS RELATOS DE MEMÓRIA

A memória se relaciona aos discursos na medida em que ao relembrar o passado, os descendentes ressignificam aspectos reterritorializadores, registrando as práticas significativas referentes aos costumes, identidades e tradições.

É presente no discurso dos descendentes “as dificuldades encontradas no novo território”, entretanto, aparecem também nos discursos aspectos positivos do tempo da chegada. Era como se na Alemanha, houvesse muitas dificuldades, aqui, foram acolhidos e tinham fartura. Tais escolhas discursivas apontam para a categoria de identificação – *Deutschbrasilianer* – que tem dois elementos de definição: a origem alemã, (direito de sangue) e a cidadania brasileira (*jus soli*) (SEYFERT, 2000). Se por um lado a etnicidade supõe o pertencimento à nação alemã pelo direito de sangue, por outro, a ideia de nova pátria no Brasil com a propriedade do solo afirma a condição de brasileiros.

*(...) teve época lá na Alemanha... deixa eu ver se eu me lembro... que ele contava né... **que eles sentiam falta de alimento::... eles não tinham nada lá não. Eles vieram pra cá porque eles ficaram sabendo que naquela Época falavam muito daqui do Brasil, que aqui tinha muita terra ... que aqui colhia muito... que aqui tinha plantação de café:: essas coisa né... eles então ficaram sabendo e quiseram vir pra cá para possuir alguma coisa ... que eles não possuía muita coisa não ... (...)** Relato Oral – sujeito 3.*

*(...) **depois que a Alemanha perdeu a guerra ... veio uma turma de lá para o Brasil** e meu pai estava e foram chegar: ... no Rio de Janeiro ... lá que ele me contou:: **é minha filha:: lá a gente catava até teco de cigarro pra fumar ... que a gente não trouxe nada e não tinha nada** ... Ai eu acho que a prefeitura daqui pegou essa turma de alemães e levou pra colônia mestre de campo... não sei ... por aí pra colônia ... e de lá cada um ganharam um pedacinho de terra pra trabalhar ... eu não sei pra onde meu pai conheceu a minha mãe . Relato Oral – Sujeito 2.*

*Prá nós era muito bom ... **porque meu pai tinha de tudo** né ... ele vinha aqui na rua comprar como se diz uma carne de reis que ele queria comer ... uma açúcar ... sal ... porque lá na época não tinha luz era de querosene ou vela né ... tinha tudo na porta (...). Relato Oral – Sujeito 6.*

Segundo Saquet (2009), os migrantes, na desterritorialização, “perdem aspectos e elementos, relações, que tentam reproduzir no novo lugar em

construção”. Reterritorializam-se lentamente, reorganizando suas vidas diárias, cultural, política e economicamente, no lugar. Nessa perspectiva, o *lugar*, é mais do que afetividade, reconhecimento, simbolismo, é “realização do universal, é singularidade, material e imaterial” (SAQUET, 2009, p. 216).

Estar na Alemanha ou estar no Brasil nas falas dos informantes assumem pólos opostos no discurso representado pelos descendentes. De certa forma representam estar desterritorializado ou reterritorializado. Para Halliday (1985, p.75), a modalidade é um “juízo do falante sobre as possibilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que diz”, sendo a polaridade a escolha entre o positivo e o negativo. Dessa forma, estar no Brasil é ter tudo, estar na Alemanha, é não ter nada, o que simbolicamente representa “ter pátria”. Como afirmam Alencastro e Renaux (1997), na Alemanha, nas camadas mais modestas, não ter terra equivaleria a não ter pátria.

A análise do significado identificacional do discurso dos descendentes de imigrantes alemães participantes desta pesquisa revelou como eles se veem e se identificam, ou seja, o estilo estabelecido no modo como eles representam ‘ser brasileiro’ e ‘ser alemão’. Como afirma Silva (2009), o que demarca “a fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’.

Em muitas falas, o lugar ocupado pelo informante demonstra uma oscilação. Ora se identifica como brasileiro, ora como alemão, cabendo lembrar que todos os participantes são nascidos no Brasil. Uma colaboradora, ao falar das características dos alemães, destaca a disciplina como uma característica do “ser alemão”, demonstrando na sua fala que na relação do “eles”, alemães, o “nós”, a descendência está incluída. Outro por sua vez ressalta o trabalho como um traço alemão e ao fazê-lo, utiliza o “nós”, incluindo-se como “ele” alemão.

Alemão é mUlto rígido ... nós fomos criados assim ... mãe da mesma forma... eh:: nós não temos aquele hábito de estar todo dia na casa do outro no vizinho ou qualquer coisa assim(...) Relato Oral – Sujeito 4. ¹⁴

¹⁴ Os números utilizados indicam o sujeito, conforme a figura 6, apresentada no percurso metodológico. Na transcrição dos relatos, manteve-se a fala original, sem haver portanto, preocupação com a adequação gramatical. Como já exposto, utilizou na transcrição as normas para transcrição conversacional (CASTILHO,1998). O uso das reticências ... na transcrição, sinaliza as pausas do falante; o uso de maiúsculas, entoação enfática e o alongamento de vogais é marcado pelo :.

TR*Abalhador e esforçado... que os alemão... eles tudo é trabalhador né ... Não tinha esse negócio que tem hoje... nós era menino de dez , onze anos ajudava tapar cova pra plantar feijão:: plantar mi:lho nós ajudava(...)*Relato Oral – Sujeito 6.

*Eu não sei não... mas eu acho que o Alemão é mais ... como é que vou falar ... é mais **responsá::vel**, responsÁVEL ... ele ... por exemplo ... ele não contorna as situações... ele age então a gente (...) eu falo a gente brasileira porque eu tô ai né... (...) mais, por exemplo quando você pega uma responsabilidade você vai lá e faz(...) **a gente** não dá jeitinho ... não fica contornando situações(...)a gente ainda conserva esse lado ... a gente não pegou muito o jeitinho brasileiro(...)*Relato Oral – Sujeito 8.

Como afirmam WOODWARD(2008), HALL (2008), a identidade é marcada pela diferença e a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Entretanto, algumas diferenças parecem ser mais importantes que outras, evidenciando valores que identificam os alemães, como disciplina, trabalho, rigidez, esforço. Observa-se nas falas a avaliação como uma categoria utilizada pelos informantes para apresentar juízo de valor. As afirmações apresentam o uso de adjetivos, como ‘rígido’, ‘trabalhador’, ‘esforçado’, ‘responsável’, e advérbios, ‘mais’, ‘muito’ como ênfases aditivas que expressam os valores das identidades representadas.

Resende e Ramalho(2009) citando Fairclough (2003a) sugerem que a identificação deva ser compreendida numa relação dialética com a representação, ou seja, cada significado do discurso internaliza traços de outros de maneira tal que nunca se excluem, nem se reduzem a um.

Assim dizendo, ao se destacar o significado identificacional, nota-se a representação de discursos articulados, a interdiscursividade, na qual o discurso do pioneiro colonizador se cruza com o discurso do brasileiro, o que é demonstrado a partir da forma como os atores sociais se representam.

Observe que os significados das palavras como “responsável”, “trabalhador”, “rígido” se contrapõem ao ‘jeitinho brasileiro’, objeto de comparação nos trechos dos relatos. De outro modo, tem-se presunções valorativas, ou seja, o que é dito se baseia em presunções não ditas. Assim, nas falas fica presumido valores dos alemães com os quais os descendentes se identificam e se veem portanto, como um deles, o que fica sugerido com o uso dos pronomes ‘nós’ e ‘eles’.

Na fala do Sujeito 8 nota-se que ao se referir ao alemão, ela aponta a responsabilidade como um traço distintivo, a falante destaca o ‘ele’ como sendo alemão. A colaboradora ainda ressalta que ela é brasileira, mas mesmo assim, ao

final utiliza-se do ‘a gente’ incluindo-se como responsável, diferentemente dos brasileiros que têm um jeitinho de se esquivar da responsabilidade.

Resende e Ramalho (2009) destacam que “um mesmo texto pode envolver diferentes discursos e articulação da diferença entre eles pode realizar-se de muitas maneiras, variando entre a cooperação e a competição”(2009, p. 71). Nos relatos pode-se perceber o discurso do pioneirismo através da escolha do vocabulário empregado que sugere a eficiência do colonizador alemão como corajoso, destemido e trabalhador.

*Não tinha **NADA** ... eles chegaram e **foi fazer tUdo**. Relato Oral – Sujeito 6.*

*Ah ... a chegada aqui foi **mUlto difícil**... muitos da turma morreram porque pegaram febre amarela que tinha ai prá baixo ... Ai... muitos ficaram no meio do caminho... adoeceram ... depois morreram ... ai ... enterraram lá **no meio do ma:to mesmo e alguns foram mORtos pelos índios** ... que os índios né ... naquele tempo tinha muito índio ai pra baixo né(...).Relato Oral – Sujeito 7*

*(5) Diz que foi **mUlto difícil** ... porque eles que tinha que **abrir um pedaço da mata** pra eles começar a plantar os cereais pra eles sobreviver né ... no começo cada um fazia uma barraquinha né ... que vinha pouca gente ... não era assim muita gente... alguns que já tinha alguns filhos que vieram junto mas ... outros já não tinha. Relato Oral – Sujeito 5.*

*Em Teófilo Otoni era **tUdo mata ... mata pura**... Era tudo fechado né... Vó contava assim que um parente né... recebeu umas flechadas de índio(...).Relato Oral – Sujeito 4*

O discurso do pioneirismo traz também representações que apontam para a superioridade do trabalho derivada da condição germânica. Segundo os informantes, o trabalho alemão é disciplinado e organizado, de outro modo, existe a divisão e disposição do/para o trabalho. Para Seyfert (1993), o discurso étnico teuto-brasileiro se serviu de um modelo que reificava a figura do pioneiro para destacar a colonização bem sucedida como produto do ‘trabalho alemão’ – capacidade de trabalho pressuposta como inata, como própria da raça – sugerindo assim uma superioridade racial.

*Vó sempre falava que até mesmo com mãe e tia Néia né ... tinha **distribuição das tarefas** nÃO ia todo mundo pro mesmo lugar ... então ... cada um tinha aquela*

*distribuição ... um ia pra orde:nha ... um ia pro campo ... outro ia pro cafezal ... sempre era distribuído ... nunca ficava todo mundo no mesmo lugar ... **quando um acabava aquela sua parte e o outro ainda tava em serviço saia pra ajudar ... então é como se fosse um mutirão em família ... mas nunca ia todo mundo a princípio pra mesma tarefa ... então era dividido ai quando terminava aquela que ia ajudar o outro, então sempre era assim. Relato Oral – Sujeito 4***

Como afirma Saquet (2009), “a desterritorialização e a reterritorialização são processos intimamente ligados na mobilidade de força de trabalho” Nas palavras do autor, “o velho é recriado no novo”. Os imigrantes, mesmo em território estranho, cujas práticas de cultivo, bem como a própria topografia e clima eram distintas, reterritorializam-se, adaptando-se e criando uma identidade territorial da qual o lugar passa a ser considerado o suporte da identidade cultural.

Para Haesbaert (1999, p.172), “a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território” pelo reconhecimento de uma origem comum ou de características partilhadas. As identidades territoriais surgem a partir de um processo de apropriação do homem pelo espaço. Nos relatos, pode-se perceber uma identificação dos descendentes com o território a partir das territorializações construídas pelos seus ascendentes.

No significado representacional do discurso, percebe-se “que lugar do mundo está sendo representado” (Resende e Ramalho, 2007). Nas falas sobre a organização do trabalho percebe-se que as informantes ocupam o lugar social do imigrante que fora para área rural. Esse grupo, pelo isolamento característico da fase de implantação de colônias no Brasil, traz os discursos sobre trabalho, cooperação e organização, não só como um mecanismo de reterritorialização, mas como representação de uma identidade comunitária que reflete uma identidade coletiva.

*Todos eles trabalhava ... nós trabalhávamos ... **a gente socava café ... torrava café ... tornava socar o café pra botar na lata e fazia todo o serviço** que era necessário na fazenda ... era a gente mesmo que fazia fazi::a rapadura **pra vender...** tinha um agregado nosso lá chamava Arthur... a gente levantava uma hora madrugada **e eu ia pro engenho ... ele botava o cavalo** e o cavalo rodava sozinho e eu chegava a cana no engenho ... ia pondo a cana uma hora da madrugada... quando o dia amanhecia já tinha dois tacho de garapa quase melado já prá virar rapadura pra vender aqui na cidade a quinhentos réis uma. Relato Oral – Sujeito 2.*

Resende e Ramalho (2009) apontam que um dos mecanismos da análise da interdiscursividade são os traços linguísticos, que “podem ser vistos como ‘realizando’ um discurso. Observa-se a ocorrência do pretérito imperfeito na narrativa da forma como o trabalho era realizado, como faziam, quem fazia. Tal emprego sugere uma prática de um passado permanente, denotando continuidade na ação dos verbos.

Já pelo significado acional, pode-se observar como as narrativas desses descendentes representam as práticas sociais relacionadas ao grupo, aos valores representados e nessa direção os relatos carregam a percepção de vozes do passado e presente, de outro modo, os valores apresentados como uma prática que no passado era permanente aparecem harmonicamente nas falas, ao passo que a ‘preguiça’ é um traço da atualidade apresentado como um ‘não valor’.

*(...) valores ... **condenava a preGUIÇA** né ... preguiça ... **não podia nem pronunciar** (...) Não existia. Hoje a gente vê pessoas mais jovens, descendente mesmo, falam que não... ha!! **To com preguiça** ... eu não vou fazer isso(...) **Algumas pessoas falam** que se a minha falecida avó, **meu falecido bisavô fosse vivo...** A gente ainda já ouve isso (...) Relato Oral – sujeito 4.*

Para Halbwachs (2004, p.75) “ a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, dessa forma, a memória, enquanto imagem partilhada do passado, promove laços de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo. Ao narrar, os informantes transitam entre o passado e o presente, estabelecendo relações de identificação a partir das (re)territorializações. De outro modo, a realidade, as identidades, os sentimentos e os valores são construídos e reconstruídos nas falas. Os aspectos discursivos são sentidos de identificação, assim como os sentidos de ação podem ser vistos como sentidos representacionais.

Nas falas pode-se perceber a reincidência do tema “trabalho”, “disciplina” e “solidariedade” como discurso moral que dialoga com o discurso religioso já que os princípios morais da comunidade luterana são o trabalho, a moralidade e a disciplina (WEYRAUCH, 1997, p.101). Nessa direção, tem-se o processo de identificação como constitutivo do discurso. Em Teófilo Otoni, existe uma feira denominada “Bela Vista”, na qual muitos descendentes comercializam os produtos, sobretudo hortifrutigranjeiros.

Os sujeitos desta pesquisa mostram uma prática do passado resignificada no presente. Devido ao fracionamento das terras, os descendentes optam pelo cultivo de hortas e mudas de frutas e flores. Percebe-se que o discurso das informantes traz marcas que refletem o vivido e as acomodações que atendem às exigências do território.



Fig. 7 Comunidade da Lajinha – Floricultura
Fonte: Foto da Pesquisadora



Fig. 8 Comunidade do Cedro
Fonte: Foto da Pesquisadora

(...) eu fiquei na casa de vovó prá ir prá escola ... era ali atrás... e a gente só ia prá escola e voltava ... lá a gente trabalhava também ... tinha que molhar muito a horta... as vezes a gente juntava algumas verdurinha que a gente plantava e ia pro mercado vender ... a gente era pobre menina, a gente era pobre (...) Relato Oral – sujeito 2

Os alemães **sempre** tiveram hortaliças em casa... **dividiam com os outros... trocavam mudas e o que sobrava vendia na feira...** a ideia do cooperativismo sempre foi muito forte entre eles ... quando um tinha uma muda de uma coisa dava para o outro... depois as propriedades foram diminuindo pelo tamanho das famílias que sempre foram famílias com grande número de pessoas e a hortaliça eles trazem para feira para vender... **muitas alemães viveram e vivem disso até hoje... frutas e essas coisas da terra...pode ver aí na feira que grande número dos vendedores... tem os atravessadores também... mas os produtores são descendentes de alemães...** Relato Oral – sujeito 8.

Pollak (1992) afirma que a memória é um fenômeno construído social e individualmente e que, quando se trata de “memória herdada” existe uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. O mesmo autor aponta os acontecimentos, personagens e lugares como elementos dessa memória. O grupo de sujeitos participantes desta pesquisa se referem ao momento do “quebra quebra”¹⁵ como uma passagem sofrida. As falas revelam muitas perdas. A invasão da igreja, o sino roubado, as agressões a esse lugar que simbolicamente representava um “território santuário, isto é, o espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores” (BONNEMAISON, 2002, p.111) que trazem sentimentos de similitude, de pertença a um grupo social ficaram gravadas na memória de todos os alemães e seus descendentes.

As estratégias discursivas utilizadas pelos descendentes para mostrar as variadas perdas sofridas estão voltadas para o processo de legitimação por avaliação moral. Segundo Van Leeuwen (1997) esse processo é baseado em valores expressos pelos falantes por meio de palavras como, por exemplo, “mau”, “bom” ou outra cujo significado denote valores positivos ou negativos. Nas falas abaixo, pode-se perceber que a avaliação moral está ligada ao discurso religioso, ou ainda ao discurso da moralidade. A igreja, como já colocado, representou para os descendentes uma forte elemento ‘territorializador’.

*Eu lembro quando invadiu a igreja começou a prender os Alemão né ... isso eu lembro ainda ... **Isso foi mUlto sofrido ... que eu sei que eles pegaram o sino e carregaram daí...** e não sabe pra onde carregou, eh... Isso quando aconteceu eu era menino de escola ... eu tinha na faixa dos é doze anos mais ou menos né... Eu*

¹⁵ (...) “Problema enfrentado pelos alemães e seus descendentes, em decorrência da II Guerra foi o chamado ‘quebra-quebra’, onde populares invadiram casas, saquearam, quebraram a igreja, a escola, o internato” (Fundação João Pinheiro, 1993, p. 104).

“ Na época da 2ª Grande Guerra, entre 1943 a 1945, os alemães, seus descendentes e seus pertences foram muito agredidos. O movimento teve início no dia 18 de agosto de 1942 e as ameaças duraram enquanto durou a Guerra, até 1945”(Keim, 2012, p.352).

não sei por que esse negócio não ... eu sei que na colônia eles invadiram , bateram nos Alemão com medo dos Alemão virar contra eles(...).Relato Oral – Sujeito 6.

(...) a igreja foi quebrada ... ali foi tudo quebrado a escola ohh..não ficou NADA onde que era o Automóvel clube quebrou ... Automóvel clube não, Concórdia ... ali... na descida daquele morrão num tem agora ali tudo é dentista e consultório médico ... ali que era Concórdia dos Alemão, clube dos Alemão em Teófilo Otoni... aquilo eles queBRARAM TU::DO ... ai no outro dia eu e meu irmão vinha da roça pra vim pra escola ... olha ... ali tinha uma coivada de fogo no meio da estrada no meio da estrada ali ... incendiou TU::DO que tinha dentro daquela casa foi quebrada ... muitas coisas eu acho que eles carregou ... olha ... aqueles teclados de piano aquilo tava tudo lá na coivada ... era um monte assim o que eles pode carregar eles carregaram, mas, o que quebrou, quebrou e pôs no monte e pôs fogo. E lá na escola onde o pastor morava lá a mesma coisa ... na rua tinha aquele MONte de fogo ... de tudo o que eles quebrava ... espatifaram tudo e pôs fogo e acho o que eles podia carregar ele carregaram. Olhe ... lá ... as carteiras ... o que ainda sobrava, que atingemente tinha aquelas carteiras cumprida assim pesada é que ainda tava lá dentro ... mesmo toda quebrada que acho ... onde que eles batiam pra mim tinha até machado ... o resto tava na coivada ... e onde ... na casa que o pastor morava as louças tava pinicada ... eu acho que eles tinha um trem pra bater tudo dentro de casa ... só tinha os cacos no chão vidro, tudo, janela tudo arrancado, cama tava lá na coivada ... e não ficou nada. Relato Oral – Sujeito 3.

(...) eh... eu me lembro ... que ela contava assim ... que as pessoas entraram na igreja , ali eles fizeram cocô dentro da igreja bateram no pastor na época , roubou o sino, então foi vandalismo mesmo ... aproveitou a guerra e fez isso ... destruiu praticamente a igreja que foi a primeira que hoje é o Metrópole ... foi a primeira igreja Luterana (...).Relato Oral – Sujeito 4.

Nos trechos acima, pode-se notar que os dois primeiros sujeitos rememoram uma experiência vivida na infância, ao passo que a terceira “viveu por tabela”, ou seja, apesar de não ter vivenciado este período, no seu imaginário o evento tomou tamanho relevo, que ao final, narra de tal forma que fica difícil saber se participou ou não.

Já na fala da informante 3, de forma especial, pode-se perceber a relevância dos lugares na medida em que se percebe que aquela representação só existe na memória de quem viveu. O lugar onde era a igreja, o Concórdia, clube dos alemães, o caminho próximo a sua casa, que antes era zona rural e hoje é área urbana, tudo era sinalizado como se ainda fosse real, demonstrando assim o significado simbólico entre esse fato e os lugares onde se deu o fato narrado.

Outro aspecto relevante dentro do significado representacional é a “maneira particular” como as vozes são representadas no texto (Resende e Ramalho, 2009).

Nota-se o emprego da forma passiva em “ a igreja foi quebrada”, bem como a utilização do ‘eles’, demonstrando a incapacidade de ação dos alemães, melhor dizendo, o assujeitamento representado pelo grupo afetado pelas ações do outro. Pode-se ainda perceber a omissão das vozes dos agentes, dos responsáveis pelo sofrimento do grupo.

O evento denominado ‘quebra-quebra’ a que todos os participantes fizeram referência trouxe para o estudo outros temas, como o fechamento da escola alemã, a interrupção do ensino da língua alemã e a proibição do seu uso.

Segundo a Fundação João Pinheiro (1993, p.104), “percebe-se que os fatores que mais contribuíram para o enfraquecimento da utilização da língua alemã foram a necessidade de comunicação na rua e a restrição advinda da guerra”. As represálias decorrentes da guerra dificultaram também o funcionamento da escola alemã, diretamente associada à Igreja Luterana.

Para Seyfert (1993) a escola alemã foi criada para atender às necessidades de ensino elementar de uma população estrangeira, entretanto, tomou uma feição étnica assumida na configuração da etnicidade como instrumento da germanidade e perpetuadora da língua e cultura alemãs.

Muito recorrente também foi a remissão à religião e sobre esse tema a figura do pastor Hollerbach é retomada sempre como uma forte referência da Comunidade Evangélica Luterana, o que já foi destacado no capítulo 3.

Segundo Seyferth (2000), a Igreja Evangélica Luterana é, em si mesma, uma característica étnica para os teuto-brasileiros. No discurso étnico é representada uma relação causal entre igreja, escola e lar e a preservação da língua alemã. Entretanto, nas práticas representadas discursivamente pelo grupo de descendentes participantes, pode-se perceber novos traços identitários que atualizam as referencialidades culturais, de outro modo, as fronteiras culturais se ampliaram sugerindo que o ethos alemão se hibridizou.

Como já demonstrado no trabalho, o ensino da língua alemã, antes oferecido na própria igreja deixou de ser oferecido. Muitas práticas que antes eram frequentes aparecem com novos contornos, conforme pode ser observado na fala de uma colaboradora sobre a religião.

*(...) a **maioria** dos descendentes já **mudou**... a maioria ... os que seguem mesmo são aqueles que ainda são filhos ... netos acho que os bisnetos são poucos os que*

estão seguindo a Luterana. Eles viraram adventistas outros pentecostais, outros católicos né? Então... pelo que é aquela tradição... eu acho que já se perdeu muito assim nessa parte eu acho. Já não tem mais aquele vínculo ... aquela coisa toda que tinha com a igreja né(...). Relato Oral – Sujeito 4

(...) E quanto a igreja ... era luterano mesmo... sabe não tinha outras repartições não... era luterano e seguia a risca mesmo. AGORA ... só que depois passar dos tempos as novas gerações está bem diversificado... já estão casando Silva com Pereira . Relato Oral – Sujeito 9.

A utilização repetida da palavra “maioria” se enquadra na categoria de análise das representações dos atores sociais, atribuindo à fala da descendente uma opinião de consenso e a forma verbal “eu acho” remete ao grau de probabilidade da assertiva. Dessa forma, fica presumido que esses novos contornos que remetem às tradições são percebidos pela relatora como uma perda. Observa-se na fala do sujeito 9 que a utilização do “já” parece sugerir a ‘ultrapassagem’ de uma fronteira, em outras palavras, o casamento de alemães com brasileiros representa também uma quebra de uma importante tradição.

Esse conjunto de construções trazidas pelos informantes remetem ao modo como eles, pelo vivido, apreendem e constituem o próprio processo de reterritorialização. A própria identidade reconstruída discursivamente sugere que “ a desterritorialização não é simplesmente o aumento da hibridização cultural e, portanto, da multiplicidade de identidades territoriais, porque também se pode reterritorializar na hibridização (HAESBAERT, 2007, p. 366).

A organização do espaço, os hábitos alimentares, os valores morais e religiosos representam os temas bastante recorrentes nas falas do grupo de descendentes. De outro modo, esses apontam ‘as partes do mundo’ representadas nos discursos. Nessa direção, além do discurso do pioneiro, religioso, moral, o discurso familiar aparece também como forma de trazer para o presente lembranças de práticas que eram frequentes, como as reuniões de família, os almoços de domingo, os encontros para cantorias, a solidariedade com vizinhos e parentes, tudo isso aparece como um caráter de limite inclusivo no sentido que dizem respeito às práticas compartilhadas pelos imigrantes e descendentes alemães. De outro modo, refletem a ideia de pertencimento a uma origem comum, um sentido de identidade coletiva.

(...) *cê tá vendo ela tá com um aventalzinho branco... domingo prá ela(a mãe¹⁶) era uma coisa especial ... o **almOço do domingo** ... ela fazia as coisas especial que ele gostava né... tinha frango com molho pardo né ... que eles fazia muito né, mas ela fazia questão sempre de diferenciar um dia do outro né... **tinha tudo esse negócio do domingo**... vestir as roupas bonitas né... prá poder festejar qualquer coisa ... não era só de aniversário só não ... por exemplo se iam a missa também eles iam tudo assim ô ... bem arrumadinho (...).Relato Oral – Sujeito 3.*

*Mãe gostava dos **domingos reuni as famílias** ... então se tinha um pai com dez filhos com vinte netos ai reunia todo mundo ... ai fazia tudo isso . E outra coisa a fatura ... e **dividi a fatura**... é vamos supor assim ... muita horta ... o Alemão gosta muito da carne de porco também... eu me lembro o seguinte ... a gente fazia engordava muito porco e fazia assim ... no dia que matava então... ESTE pernil daqui ia pro meu tio ... a costela pra minha tia ... assim... ai **no dia que eles matava aquilo voltava** ... ai mandava pra gente ... se era tia ela mandava o pernil ... se era tio mandava a costela ... então sempre tinha essa troca né, bastante tempo... anos e anos ... ai quando os tios faleceram ... os **filhos já não participaram** mais ... eles deixaram de fazer isso mas... era SAGRADO ... eu me lembro que matava assim a tardinha ... pendura e no outro dia falava assim ... vamos destrinchar ... ai o primeiro que tirava falava esse aqui é pra fulano ... vai lá levar. As vezes a gente ia ... era assim muito bonito isso era bom né. Relato Oral – Sujeito 4.*

Segundo Peralta (2007, p. 07), todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo, e essa memória é indissociável na manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais. Assim, é preciso considerar que os relatos não expressam exatamente como os fatos ocorreram, mas sim como são elaborados e representados discursivamente pelo grupo estudado.

Entretanto, pode-se perceber um maior apego a determinadas práticas que trazem sentimento de pertença a esse grupo social. Nos relatos acima, além das tradições familiares, da reunião de família, do almoço do domingo, nota-se a prática cooperativa como um valor preconizado pelos alemães que muito influenciou as práticas locais.

Segundo Keim (2012), o modelo de parceria cooperativa foi um importante sistema alemão introduzido pelos imigrantes alemães. Segundo a autora, “tudo o que alguém colhia, era repartido com os vizinhos. E aqueles, ao colherem, também repartiam com “os associados/cooperados” (KEIM, 2012, p. 319). No entanto, na fala do sujeito participante ela ressalta “ os **filhos já não participaram** mais, eles deixaram de fazer isso mas ... era SAGRADO (...)” o uso do “já” remete à

¹⁶ Grifo meu. Nesse relato, a descendente pega um álbum de retrato e ilustra as suas falas.

aceleração do tempo híbrido – o passado e o presente – os filhos já não compartilham essa prática.

A memória constituída se revela nos dizeres dos sujeitos participantes da pesquisa que produzem o entrelaçamento entre o passado e o presente, entre o que existia e não existe mais.

Na fala abaixo, mostra-se a valoração atribuída ao clube “concordia”, como também uma referencialidade espacial e cultural que favorecia a manutenção das práticas dos seus antepassados que hoje não existe mais.

*Eu acho que era assim ... **eles eram unidos** ... aqui tinha TERRO, como que fala estabelecimento ... uma Castilha ... chamava concordia onde eles faziam festa ... **esses alemães era festa dos alemães que era cheio de Alemães da Alemanha** ... cantavam ... era a coisa mais linda que eu já vi ... aqui no Concordia ... chamava Concordia. Era ... uma tinha ... prefeito, presidente ... tinha deputados ... lá sempre tinha ... depois **disso ... foi esfriando ... esfriando e acabou ... hoje em dia é a coisa mais difícil você não acha mais nenhuma pessoa ... já faleceram quase todos ... os antigos não existem mais (...)***

Ahhh ... hoje tá muito já gastado ... muito ... eu acho ninguém interessa ... não interessa mesmo... não sei ... o povo parece que ficou desanimado com a cultura alemã ... que o alemão é honesto ... gosta de trabalhar ... são MUITO trabalhado:res ... meu pai foi embora tão cedo ... setenta e três anos ... mas sempre junta aqui ... as vezes ajunta na casa de uma tia minha né... pega o cavaquinho ... pega a sanfona ... Quando tem aniversário ... chama a gente né ... eu creio que a coisa forte é essa ligação de canto né ... canta músicas antigas né, em Alemão. Relato Oral – Sujeito 2.

A festa da colheita é lembrada por todos os participantes desta pesquisa como um evento de tradição alemã que acontece todos os anos na cidade. Tanto o artesanato, como a culinária trazem reinvenções.

*A festa atual é **muito diferente**... a torta alemã leva amendoim e tem até chocolate... as receitas foram modificando... num tem aquela tradição não... do jeito que era fica caro... e o brasileiro gosta de brigadeiro(...) Relato Oral – Sujeito 9.*



Fig. 9 Torta alemã
Fonte: Foto da Pesquisadora



Fig. 10 Torta alemã
Fonte: Foto da Pesquisadora

(...) mas, aqui o que a agente faz to::do ano no natal é o Stolen ... não faz igual aquEla de padaria que você compra ela enrolada ... então ... na hora de assar que já tá bem crescida ... vem com uma faca be:::m fininha e passa ... dá um traço de leve nas costas dela ... ai ela vai assando e aquilo vai abrindo ... vai abrindo e aparecendo o recheio , quando vai assando a manteiga o açúcar que você coloca vai borbulhando e fazendo tipo um caramelo ... esse é a tradição que a gente segue ... na festa da colheita vende... mas é diferente também(...) Relato oral – Sujeito 4



Fig. 11 Stollen – pão alemão
Fonte: Arquivo da Igreja Luterana

Stollen

INGREDIENTES:

- * 02 xícaras de leite meio morno com 01 colher de sopa de açúcar e 02 colheres de fermento granulado.
- Deixe descansar por cerca de 15 minutos.
- Bata 02 ovos com 02 colheres de sopa cheias de manteiga, 02 colheres de óleo e 01 xícara de açúcar.
- Misture ao fermento já descansado, mexa bem com 03 xícaras de trigo. Acrescente mais 04 xícaras de trigo e sove bem. (Se ficar muito mole, coloque um pouquinho mais de trigo).
- Deixe descansar meia hora e lugar morno.
- Abra a massa com um rolo, coloque doces cristalizados ou o doce que preferir (tomando o cuidado de colocá-lo sem cobrir toda a massa, deixe tiras de massa sem cobrir, para que não desenrole quando cortar depois de assado).
- Deixe descansar por 01 hora em local aquecido (ao sol por exemplo).

Peralta (2007) citando Halbwachs (1925) afirma que a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado (e reinventada sobre ele), é uma forma de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo.

A festa da Colheita, realizada na Igreja Luterana é referenciada por todos como o evento tipicamente alemão que permanece e nunca deixou de existir. Cada informante traz representações diferentes da festa, apontando para uma dialética entre o passado e o presente, na qual as trocas sociais estabelecidas pela memória individual e também a memória coletiva são transmitidas pelos rastros do convívio e das sociabilidades diversas.

É muito forte falar na festa Alemã ... meu pai era um que mais trabalhava nessa festa Alemã ... deixa eu te contar o que ele fazia ... que eu te falei que ele era carpinteiro ... mas, sabia TUDO... e quando naquela época de festa Alemã chamava kinder Party ... quer dizer significava festa de criança né? ... naquele tempo não tinha a festa Alemã ... daquela época chamava Kinder festa ... era festa de criança ... então tinha brogodó ... tinha corrida de colher...também essas coisas que hoje tem, tinha café:: bolo... isso e aquilo... tinha as comidas típicas (...).Relato Oral – Sujeito 3.

A festa alemã é você agradecer a Deus pelo dom então se ela tem esse dom , ai faz isso, a Sara também tece faz essas coisas, então cada um , Tia Neia faz bolo, então você faz essa doação, em agradecimento, a Deus. Ai lá é que eles vão definir como que vai ser. Se faz uma rifa, se faz...geralmente a gente faz leilão ...as pessoas arrematam, para a comunidade e outros órgãos, porque a comunidade

ajuda o hospital do câncer, essas coisas assim... Instituição carente. Relato Oral – Sujeito 5.

*A festa tem até hoje, mas, era no pátio da igreja e ali tinha as mesmas coisas que hoje era o Brogodó¹⁷, essas barraquinhas. Agora só que tem uma coisa antigamente **era só evangélicos que vinha e só descendentes de Alemão** participava da festa da colheita sabe, era no dia que **eles cantavam muito Alemão, eles juntavam aqueles grupos e cantavam muito e hoje** em dia a festa da colheita tornou popular sabe, não sei se sou eu mas, de vez em quando eu olho assim a festa ... **não é aquela festa sabe**, então, isso é meio esquisito mas, antigamente era ... ai meu Deus me perdoa... mas era nossa ... **cê tá vendo onde vai o orgulho.** Relato Oral – Sujeito 8.*



Fig. 12 Barraca do Brogodó – Festa da Colheita – 2012.
Fonte: Arquivo da Igreja Luterana

Na fala do sujeito 3, nota-se a perspectiva particular da representação das vivências da infância, apresentando um significado construído ao longo do tempo. A festa alemã é forte porque a informante lembra do pai, portanto o discurso familiar se sobrepõe ao discurso religioso, representado na fala da participante 5, que apresenta o evento como festa religiosa, na qual os fiéis colocam no altar o fruto do seu trabalho como forma de agradecimento. Na fala do sujeito 8, nota-se novamente a percepção do outro, da identidade que ele não é, como não pertencente ao ‘nós’, luteranos alemães. Assim, “os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e trazem as suas representações”.

¹⁷ Brogodó é uma prática comum de venda de prendas através de sorteio. O participante retira um número e verifica a prenda que ganha, testando assim a sua sorte.

Nos relatos de memória dos sujeitos desta pesquisa, os sentidos de identificação são vistos como sentidos representacionais pressupostos. As identidades, tanto como as diferenças são relações sociais. Observam-se as diferentes perspectivas representadas sobre a Festa da Colheita, como também, pode-se notar as flutuações do lugar social desses falantes, que ora se assumiam como brasileiros, ora como alemães, assumindo posições como ‘o que sou’ e ‘o que não sou’.

De outro modo, ainda que as práticas sociais que apareceram nos relatos possam ter sido apresentadas como diferentes, e portanto, para alguns, distante do ideal alemão, nota-se um hibridismo identitário representado nas práticas e até mesmo nas formas de se auto-identificar.

Como afirma Haesbaert (2007, p. 232) “a chamada hibridização, vista como processo de mão dupla, ou seja, tanto desterritorializador, como reterritorializador, só pode ser efetivamente entendida, quando contextualizada geográfica e historicamente”.

Na fala abaixo, a informante, diferente dos outros participantes, apresenta a identidade como uma ‘mistura’ do jeito alemão e do jeito brasileiro de ser.

Eu sou brasileira, NE? Eu vejo o alemão assim ... meio radical ... muito sério ... muito compromissado ... o brasileiro é mais alegre vamos dizer assim ... mais menos radicais ... então eu acho que da mistura desses dois povos ... seriedade e alegria dá uma mistura muito boa. Relato Oral – Sujeito 1.

Silva (2009) afirma que a identidade e a diferença são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, mostrando que a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Dessa forma está vinculada às práticas sociais desses descendentes no que se refere às territorialidades construídas pelos seus ascendentes no processo de reterritorialização.

O mesmo autor, ao se referir ao hibridismo, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, afirma que este é

(...) a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças (...) a identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas (SILVA, 2009, p.87).

Assim dizendo, a análise dos relatos mostra que as identidades e práticas representadas discursivamente parecem ocupar esse entremeio, não é alemã, não é brasileira, mas é alemã brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chegada dos imigrantes alemães em Teófilo Otoni/MG aparece sempre associada ao processo de formação da cidade ou à Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri. Normalmente, as publicações, inclusive as acadêmicas, trazem a inexpressividade dos empreendimentos coloniais na região, justificando que apenas um pequeno contingente permaneceu, apesar dos problemas econômicos (Falência da Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucuri).

Esta dissertação buscou a abordagem do tema numa perspectiva interdisciplinar na qual os conceitos de território, imigração, memória, identidade e discurso dialogaram buscando a identificação dos traços identitários relativos às crenças, à cultura e aos valores representados discursivamente nos relatos de descendentes de imigrantes de Teófilo Otoni. De outro modo, a pesquisa buscou responder: Quais são os traços identitários dos descendentes de imigrantes alemães? Como são representados discursivamente?

O conceito de território associado às definições de “espaço dominado” e “espaço apropriado” (Lefebvre) pode ser remetido ao contexto da chegada dos imigrantes em Teófilo Otoni e as suas estratégias utilizadas para suprirem suas necessidades em meio a tantas dificuldades e desafios. O conjunto dessas experiências e vivências sociais neste espaço possibilitou a sua apropriação. Dessa forma, o lugar passa a ser o suporte de uma identidade cultural, espaço do cotidiano, do vivido, das territorialidades e territorializações que permitem que os indivíduos se identifiquem, pelo pertencimento a uma origem comum, pelas ‘referencialidades’ construídas e reconstruídas no passado e no presente.

No percurso deste trabalho, foi apresentado o contexto social e econômico da imigração, bem como a narrativa das territorialidades no processo de formação da cidade, sendo estes elementos reveladores das identidades representadas discursivamente nos relatos dos descendentes. De outro modo, ao falar da chegada em território estranho, um descendente de imigrante que foi dirigido para a zona rural se mostra e fala da chegada de um lugar social completamente diferente daquele que chega a Teófilo Otoni com recursos próprios.

A narrativa da organização social e das relações estabelecidas nesse processo de formação da cidade possibilitou conhecer além do contexto em que se inserem os relatos, as relações sociais estabelecidas. Tais percepções foram importantes já que é através dessas relações que os indivíduos ou grupos se firmam, se identificam e são identificados.

Ao utilizar a Análise de Discurso Crítica como aporte teórico metodológico, priorizou-se dois significados. O primeiro, o representacional, mostrou a articulação entre diferentes discursos, como o discurso do pioneiro, o discurso moral, o discurso religioso e o discurso familiar. O segundo, o identificacional, revela as identidades dos indivíduos através dos traços linguísticos que sinalizam os estilos ou o modo como o enunciador identifica a si mesmo e como identifica as outras pessoas.

Pelas representações trazidas pelo grupo de informantes, pode-se perceber que existe uma oscilação no lugar ocupado pelo enunciador, que ora se apresenta como alemão, ora como brasileiro. Tais atribuições são decorrentes das escolhas que fizeram para caracterizar o “ser alemão”, determinando portanto, como traço identitário tipicamente ‘alemão’ o trabalho, a responsabilidade, a rigidez, ficando sugerido nesse discurso uma superioridade do trabalho alemão, em detrimento do ‘jeitinho brasileiro’ de assumir suas responsabilidades.

Ao se referirem às lembranças da chegada, os informantes também destacam atributos aos ‘pioneiros’, destacando o colonizador alemão como corajoso, destemido e trabalhador. Neste tema ‘lembranças da chegada’, faz-se necessário ressaltar uma observação já apresentada em outra pesquisa. Cléia Schiavo Weyrauch (1997) desenvolveu um estudo publicado como “Pioneiros Alemães de Nova Filadélfia – Relato de mulheres” no qual destaca as diferentes representações do ‘mar’ trazidas pelas mulheres residentes na área urbana e por aquelas residentes na área rural. Segundo a autora, as mulheres da zona rural “não tiveram, por muitas razões, condições de conservar através do tempo as histórias ouvidas na infância”.

Nesta pesquisa, pode-se perceber que os informantes de origem rural não traziam qualquer lembrança do ‘começo’, da ‘chegada’, porém, eventos bem construídos aparecem nas representações trazidas pelas informantes cujas famílias ficaram na área urbana, ou ainda, por aquela cujo pai contraiu matrimônio com uma brasileira.

Outro ponto distintivo é que esse grupo 'rural' relata as dificuldades e a escassez de alimentos na Alemanha e a fartura aqui no Brasil, onde produziam de tudo. Assim, a vinda para o Brasil é avaliada como aspecto positivo.

Em todos os relatos um fato é referenciado como um momento de perdas para os Alemães. Denominado de 'quebra-quebra' o período em que a Igreja Luterana foi incendiada, o ensino da língua alemã foi proibido, a escola 'do Pastor' fechada e o clube dos alemães foi 'enfraquecendo'. Na verdade, a remissão repetida a esse fato está associada aos valores étnicos. Dessa forma, a valorização da religião e da educação constituem-se importantes traços identitários para os teuto-brasileiros em Teófilo Otoni.

No que tange às ressignificações que para os sujeitos desta pesquisa simbolizam perdas identitárias, nos relatos tem-se a mudança de religião, o casamento com brasileiros(as), e segundo as falas dos participantes, não existem mais, como era antes, a solidariedade entre os familiares e mesmo as reuniões regadas a músicas cantadas na língua alemã.

A Festa da Colheita, da Igreja Luterana, aparece como uma referencialidade dos imigrantes alemães. Entretanto, alguns informantes destacam que não se tem mais somente a culinária alemã, as brincadeiras, além de que, a festa atualmente é frequentada por todos.

Pôde-se perceber que algumas 'marcas' que para os teofilotonenses são tidas como 'alemãs', não aparecem nos relatos, como por exemplo, o Internato Rural. Essa instituição, vinculada à Igreja Luterana, foi criada para alojar os filhos de descendentes que residiam na zona rural e que vinham para cidade estudar. Oferecem ainda hoje cursos técnicos profissionalizantes. A escola ainda funciona como um 'internato', no entanto, os alunos não são mais exclusivamente luteranos e nem mesmo obrigatoriamente, descendentes de alemães. Ainda assim, os valores como, a religião e a disciplina são valores preconizados pela instituição.

A exposição de orquídeas, evento tradicional da cidade, também não apareceu nos relatos. Indaguei sobre o evento e uma das informantes falou que muitos descendentes continuavam colecionando orquídeas, e que ela mesma tinha uma 'espécie' que cuidava que foi da sua avó. Mas sobre o evento, disse que em Teófilo Otoni existem muitos orquidários que também não são de descendentes de alemães. As omissões dessas 'marcas', bem como o não reconhecimento das

ressignificações das práticas sugerem que para o grupo pesquisado, as reinvenções denotam perdas de traços identitários.

Nas casas, o vínculo com o passado era percebido, quer na toalha de mesa de crochê feita pela filha, nas almofadas bordadas, na colcha de fuxico, no quadro bordado com os dizeres “Reze e trabalhe”, ou nas fotografias apresentadas.

Mesmo assim, os sujeitos não veem mais a cultura alemã como já foi (...), nota-se uma melancolia experienciada especialmente pelos mais idosos.

A partir dessas percepções, pode-se concluir que os traços identitários representados nos discursos do grupo de descendentes que participaram desta pesquisa existem, entretanto a reprodução desse passado e a transformação das práticas no presente reinventam o cotidiano, as territorialidades, recriam as referencialidades cultural e territorial. Como já exposto na análise, tem-se um hibridismo identitário, de outro modo, a identidade assim formada “não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas” (SILVA, 2009).

Como os seus antepassados, o grupo relata variadas perdas que se associam às novas experiências em um processo de (re)territorialização no qual novas referencialidades são reconstruídas.

Como já exposto no decorrer do trabalho, esse processo de imigração marcou territorializações significativas na construção de Teófilo Otoni, mesmo porque a condição migratória é uma das marcas locais, trazendo traços característicos às identidades na cidade, às práticas e aos valores locais. Além disso, a produção de hortifrutigranjeiros, defumados, mudas de plantas ornamentais e frutas são predominantes nas regiões como Potonzinho, Cedro, Lajinha e outros, constituindo-se assim importantes objetos de estudo para a investigação dos impactos econômicos e culturais dessas comunidades.

A pesquisa aqui desenvolvida se encerra acenando para novas possibilidades de investigações sobre a formação e transformações do Território de Teófilo Otoni. Ainda há muito o que ser feito por esses pioneiros desbravadores das matas do nordeste mineiro. Se o Brasil, pelo passado marcado pela escravidão, deve muito à descendência negra, na região, a cidade deve também a esses corajosos alemães.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Visconde de.[1846] 1926: **Memória sobre meios de promover a colonização**. Salvador: Imprensa oficial. [Ed.original: Memória sobre os meios de promover a colonização, pelo Visconde de Abrantes. Berlin: Typographia de Unger Irmãos, 1846]

ALENCASTRO, L. F. e RENAUX, M. L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: **História da Vida Provada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 1997. P.291-335

AZEVEDO, C. M. M. **Onda Negra, medo branco: o negro no imaginário das elites- séc.XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAHKTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.

_____, M. [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org) **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

BRITO, Fausto. Crescimento demográfico e migrações na transição para o trabalho assalariado no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**.Campinas, v.21, n.1, p.5-20, jan./jun.2004.

CHAGAS, Paulo Pinheiro. **Teófilo Otoni, ministro do povo**. 2ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburg: Edinburgh University Press, 1999.

DEAN, Warren , Os latifúndios e a política agrária brasileira no século XIX,in Pelaez,C.M. e Buesco,M., **A moderna história econômica**. Rio de Janeiro: APEC,1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. 6ª reimp. São Paulo: Ed. 34, 2009.

DELGADO. Lucília de Almeida N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. **História Oral**, 6, 2005.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. Modernização, dinâmica territorial e mudanças ambientais. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo (org.). **Território: mobilidade populacional: ambiente**. Governador Valadares: Editora Univale, 2012.

FAIRCLOUGH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: Pedro. E.R (org.). **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997, PP. 77-104.

_____, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. IN: FAIRCLOUGH, Normam; WODAK, Ruth. **Critical discourse analysis**. IN: VAN DIJK, Tuan. Discourse as social interaction. USA: Sage, 1997.

_____, N. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001a.

_____, N. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, [1992] 2008.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.

FLORES, H. **Canção dos Imigrantes**. Caxias do Sul: EST/EDUSP, 1983.

FOUCAULT, M. [1979] **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

FRANCO, M.S.C. Organização social do trabalho escravo no período colonial: In: PINHEIRO, P.S., **Trabalho escravo, economia e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estudos Históricos e Culturais. **A colonização alemã no Vale do Mucuri**. Belo Horizonte, 1993, 162p.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1974.

HAESBAERT, Rogério. **Des-Territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____, Rogério. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

_____, Rogério. **A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda**. Terra Livre. São Paulo, Ano 18, v.1, n.18. p.37-46, jan-jun de 2002.

_____, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFF, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf>. Acesso em: 20 de abr. de 2012.

_____, Rogério. Da Territorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, 2005.

_____, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2007.

_____, Rogério e LIMONAD, Ester. O território em tempos de Globalização. In.: **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, 15 ago. 2007, nº 2, vol. 1. Disponível em: http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf. Acesso em: 17/04/2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução SILVA, Tomaz Tadeu; LOURO, Guacira Lopes. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HUBER, Valburga. A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.) **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 69 – 96.

_____, A literatura dos imigrantes alemães do Vale do Itajaí. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v.1, n. 3, p. 277-288, set/dez 2008. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/download/929/810> acesso em 30 de agosto de 2011.

KEIM, Dalva Neumann. **Pastor Johann Leonhard Hollerbach e Teophilo Benedicto Ottoni: Líderes que transformaram o Nordeste de Minas Gerais e sua influência na unidade do Brasil**. 1ª Ed. Teófilo Otoni: Gráfica Modelo, 2012.

KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LANNA, Ana Lúcia. **A Transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870-1920**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988

LEE, E. S. (1966). Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). **Migração interna, textos selecionados: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza: BNB, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à Cidade**. São Paulo: Ed. Documentos. 1969 (1968)

LOPES, Moita Luiz Paulo. A Experiência Identitária na lógica dos fluxos – Uma lente para se compreender a vida social. In: LOPES Moita L.Paulo e BASTOS, L. C. (orgs). **Para Além Da Identidade: Fluxos, Movimentos e Trânsitos**. Belo Horizonte: UFMG,2010.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de Sangue – História do Pensamento Racial**. 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2009.

MALTZAHN, Paulo César. **Construção e formação de identidade étnica teuto-brasileira: algumas considerações**. In: Congresso Internacional de História, 2009, Maringá. Anais do IV Congresso Internacional de História, 2009. Disponível em:<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/180.pdf> acesso em 30 de agosto de 2011.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MONTEIRO, N. G. **Imigração e Colonização em Minas Gerais – 1889 – 1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1974.

MORAIS, M Jesus. **Acreanidade: Invenção e reinvenção da identidade acreana**. 2008. 302 f.Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/26/TDE-2009-08-25T130106Z-2187/Publico/Maria%20de%20Jesus%20Morais-tese%20geografia.pdf acesso em 12 fevereiro 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, N.10, 1981.

NUNES, S. M., Relatório sobre as colônias do Mucuri. In: OTTONI,T.B., **Relatório apresentado aos acionistas da Companhia do Mucury em 1 de outubro de 1858**. Rio de Janeiro: typ.Imp. e Const. De J. Villeneuve E.C., 1858.p.64.

PATARRA, Neide L. e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. v. 1 p. 79-87.

PENNA, Maura. Relatos de Migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, FAPESP, 1998. p.89 -111.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas aos estudos da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**. N. 2, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

_____, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d`água, 2004.

RAFESTTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. (1885) As leis das migrações. In: MOURA, H. A. (org.) **Migração interna, textos selecionados**. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 25-88, 722p.

REZENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: contexto, 2009.

_____. Análise do Discurso Crítica, Do Modelo Tridimensional À Articulação Entre Práticas: Implicações Teórico-Metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**, Tubarão, v.5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/09.htm>, acesso em 15 de outubro de 2011.

RICHMOND, A. H. Immigration and ethnic conflict, London, Macmillan Press, 1988 apud ENCONTRO NACIONAL DA ABEP. 12.2000. Caxambu: outubro 2000 Teorias das Migrações internacionais. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf >. Acesso em 13 de agosto de 2012

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. A memória como espaço fantástico. **Iluminuras**. Vol.1, N.1, 2000.

ROTHER, M. ET.al. **100 anos de imigração alemã em Teófilo Otoni**. Ijuí, Correio Serrano, 1956.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: O desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS)**. Porto Alegre: Edições EST, 2003.

_____, Marcos Aurélio. Proposições para estudos territoriais. **Geografia**. Paraná, ano VIII, n.15, p.71-85, 2006.

_____, Marcos Aurélio. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.). **Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

_____, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2. edição. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____, Abdelmalek. O retorno segundo Abdelmalek Sayad. **Travessia**, São Paulo, v. Especial, p.3 -33, jan.2000.

SCHLUPP, W.J. **Vasos de Barro ou Deus caça mesmo com gatos**. São Leopoldo, RS: Rotermond S.A – 1983.

SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____, Giralda. “ **As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional**”. In Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. IFCH. Ano 6, n.14,2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a07.pdf>, acesso em 18 de julho de 2011.

_____, **Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro**. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs2608htm> Acesso em 30 de agosto de 2011.

_____, **A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade.** Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n.22, p. 149-197, jul/dez.2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0114 acesso em 18 de setembro.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In; SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos culturais.**9.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes; 2009. p. 73 - 102

SIQUEIRA, Sueli. **O trabalho e a pesquisa científica na construção do conhecimento.** 2 edição. Editora Univale. Governador Valadares, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, [1990] 2007.

TIMMERS, Olavo O.F.M. **Theophilo Benedicto Ottoni – Pioneiro do Nordeste Mineiro e Fundador da cidade de Teófilo Otoni.** Divinópolis, MG: Gráfica Santo Antônio Ltda, 1969.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional** Lisboa: Caminho, 1997.

WALLACE, M. The case study approach. In: WALLACE, M. **Action Research for Language Teachers.** Cambridge: Cambridge University Press. 1998. p.160-180.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença.* A perspectiva dos estudos culturais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009. p. 07-72.

WEYRAUCH, Cléia Schiavo. **Pioneiros Alemães de Nova Filadélfia.** 1ª Ed. Caxias do Sul:EDUCS, 1997.